





*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton





OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

— XV —

# ROMANCEIRO

VOLUME III


ROMANCES CAVALHEIRESCOS ANTIGOS



3.<sup>o</sup> edição



LISBOA  
EMPRESA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*  
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta, 95 || 35, R. Ivens, 37*  
1900



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

---

TOMO XV

OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

- Tomo I — Camões.
- » II — Catão.
- » III — Merope — Gil Vicente.
- » IV — Romanceiro — 1.º volume.
- » V — Frei Luiz de Souza.
- » VI — Flores sem fructo.
- » VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio —  
Fallar verdade a mentir.
- » VIII — Viagens na minha terra — 1.º volume.
- » IX — " " " — 2.º " "
- » X — A Sobrinha do Marquez — As prophcias  
do Bandarra. — Um noivado no Da-  
fundo.
- » XI — Arco de Sanct'Anna — 1.º volume.
- » XII — " " " — 2.º " "
- » XIII — D. Branca.
- » XIV — Romanceiro — 2.º volume.
- » XV — " " — 3.º " "
- » XVI — Lyrica.
- » XVII — Fabulas — Folhas cahidas.
- » XVIII — O Alfageme de Santarem.
- » XIX — Portugal na balança da Europa.
- » XX — Da Educação.
- » XXI — O Retrato de Venus, precedido de um  
Ensaio sobre a historia da lingua e  
da poesia portugueza.
- » XXII — Helena.
- » XXIII — Discursos parlamentares — Memorias  
biographicas.
- » XXIV — Escriptos diversos.



OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

XV

# ROMANCEIRO

VOLUME III  
ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

3.<sup>a</sup> edição



LISBOA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL  
*Sociedade editora*  
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA  
*R. Augusta 95 || 35, R. Ivens, 37*  
1901



## ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d'esta collecção em duas partes, cada uma das quaes forma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traducções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e prophcias. Se porêm apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descubertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar-se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, agosto 9, 1851.



# ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

—

XVII

A ROMEIRA



Aqui vae outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem ; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance : não é orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Tras-os-montes. So pelas duas versões d'estas provincias o tive de appurar ; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não ocorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é ésta a primeira vez que se vê escripto e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.





## A ROMEIRA

Por aquelles montes verdes  
Uma romeira descia;  
Tam honesta e formosinha  
Não vai outra á romaria.  
Sua saia leva baixa  
Que nas hervas lhe prendia;  
Seu chapelinho cahido  
Que lindos olhos cubria!  
Cavalleiro vai traz d'ella,  
De má tenção que a seguia!<sup>1</sup>  
Não a alcança por mais que ande,  
Alcançá-la não podia

<sup>1</sup> Alcançá-la não podia — *Traz os-montes.*

Senão juncto a essa oliveira<sup>2</sup>  
 Que está no adro da ermida.  
 À sombra da árvore benta  
 A romeira se acolhia:  
 — ‘Eu te rogo, cavalleiro,  
 Por Deus e a Virgem Maria,  
 Que me deixes ir honrada  
 Para a sancta romaria.’  
 Cavalleiro, de malvado,  
 Nem Deus nem razão ouvia;  
 Cego no desejo bruto,  
 De amores a accommettia.  
 Pegaram de braço a braço:  
 Lucta de grande porfia!<sup>3</sup>  
 A romeira, por mais fraca,  
 Emfim rendida cahia...<sup>4</sup>  
 No cahir, lhe viu á cinta  
 Um punhal que elle trazia;  
 Com toda a fôrça lh’o arranca,  
 No coração lh’o mettia.  
 O sangue negro saltava,  
 O negro sangue corria...  
 — ‘Por Deus te peço romeira<sup>5</sup>,

2 Alcançou-a descaçando

Debaixo da verde oliva—*Traz-os-montes*.

3 Qual debaixo, qual decima—*Traz-os-montes*.

4 Logo debaixo cahia—*Traz-os-montes*.

5 Eu te peço, romeiriuha—*Traz-os-montes*.

Por Deus e a Virgem Maria,  
Que o não digas em tua terra,  
Nem te vas gabar á minha  
Da vingança que tomaste.  
Da affronta que te eu fazia.’  
—‘Heide dizê-lo em tu’ terra,  
Heide me ir gabar á minha,  
Que matei um vil covarde  
Co’as armas que elle trazia.’  
Tocou a campa da ermida,  
A campa que retinia :  
—‘Ermitão, por Deus vos peço <sup>5</sup>  
Bom ermitão d’esta ermida,  
Tenhais dó d’essa má alma  
Que inda agora se partia:  
Dae terra benta ao seu corpo,  
Que Deus lhe perdoaria.’

1 Eu te peço, ermitão,  
Por Dens e sancta Maria  
Que interres esse traidor  
Lá na tua sancta ermida — *Traz-os-montes.*



XVIII

CONDE NILLO

2

Só se encontrou este bello romancinho do 'Conde Nillo' na provincia de Tras-os-montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommisso. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir: julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fôsse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas às quaes confesso a minha completa inabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.





## CONDE NILLO

Conde Nillo, conde Nillo  
Seu cavallo vai banhar;  
Em quanto o cavallo bebe,  
Armou um lindo cantar.  
Com o escuro que fazia  
Elrei não o póde avistar.  
Mal sabe a pobre da infanta  
Se hade rir, se hade chorar.  
— 'Calla, minha filha, escuta,  
Ouvirás um bel cantar:  
Ou são os anjos no ceo<sup>1</sup>,

1 Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que cahiam em graça. Veja no 'Reginaldo' pag..175, tom. II do ROMANCEIRO.

Ou a sereia no mar.<sup>1</sup>  
 —‘Não são os anjos no ceo,  
 Nem a sereia no mar:  
 È o conde Nillo, meu pae,  
 Que commigo quer casar.’  
 —‘Quem falla no conde Nillo,  
 Quem se atreve a nomear  
 Esse vassallo rebelde  
 Que eu mandei desterrar?’  
 —‘Senhor, a culpa é só minha <sup>2</sup>,  
 A mim deveis castigar:  
 Não posso viver sem elle...  
 Fui eu que o mandei chamar.’  
 —‘Calla-te, filha traidora,  
 Não te queiras deshonnar.  
 Antes que o dia amanheça <sup>3</sup>  
 Ve-lo-has ir a degollar.’  
 —‘Algoz que o mattar a elle,  
 A mim me tem de mattar;  
 Adonde a cova lhe abrirem,  
 A mim me têm de interrar.’

Por quem dobra aquella campá,  
 Por quem está a dobrar?  
 —‘Morto é o conde Nillo,  
 A infanta já a expirar <sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Senhor pae, eu tenho a culpa — *Açores*.

<sup>3</sup> Antes que não rompa o dia — *Açores*

<sup>4</sup> A infanta vai a expirar — *Açores*.

Abertas estão as covas,  
 Agora os vão interrar:  
 Elle no adro da egreja <sup>5</sup>,  
 A infanta ao pé do altar.,  
 De um nascêra um cypreste,  
 E do outro um laranja;  
 Um crescia, outro crescia,  
 Co'as pontas se iam beijar.  
 Elrei, apenas tal soube,  
 Logo os mandára cortar,  
 Um deitava sangue vivo <sup>6</sup>,  
 O outro sangue real;  
 De um nascêra um pombo,  
 De outro um pombo torquaz.  
 Senta se elrei a comer <sup>7</sup>,  
 Na mesa lhe iam poisar:  
 —'Mal haja tanto querer,  
 E mal haja tanto amar!  
 Nem na vida nem na morte  
 Nunca os pude separar.'

5 Veja o que a respeito e sobre a repetição d'esta linda imagem, deixo escripto na 'Rosalinda', pag. 163-168, tomo I do ROMANCEIRO.

6 Um, nobre sangue deitava — *Tras-os-Montes*

7 Sentava-se elrei á mesa.

No hombro lhe iam poisar — *Açores*



XIX

ALBANINHA



Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontá-la, não a encontrei senão na provincia de Tras-os-montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram ; e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que resaiço á sarcástica 'sirvente' do trovador. É mordaz, epigrammatica ; e até se permite fazer o seu *calimburgo*, quando a donzella requestada responde ao seductor :

'Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.'

Onde a graça do equivoco está em que o verbo 'contar' tanto significa fazer 'contas' como 'referir o que se passou.'

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem licção castelhana que se ache nos romanceiros.





## ALBANINHA

—'Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
Oh! quem te vira Albaninha  
Tres horas a meu mandar!'  
—'Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.'  
—'Usança de maus villões  
Nunca a eu soubera usar.  
Com ésta espada me cortem,  
Com outra de mais cortar,  
Donzella que em mim se fie  
Se eu d'isso me for gabar.'  
Inda bem manhan não era  
Ja na praça a passeiar;  
Aos tres irmãos de Albaninha  
Se foi de braço travar:

—'Ésta noite, cavalleiros,  
Sabereis que fui caçar;  
Em minha vida não tive  
Noite de tanto folgar.  
Era uma lebre tão fina  
Que nunca vi tal saltar :  
Com tres horas de corrida  
Não a cheguei a caçar !'  
Disseram uns para os outros:  
—'Bom modo de se gabar !  
Será de nossas mulheres?  
Das irmans nos quer fallar?'  
Responde agora o mais môço  
Discreto no seu pensar:  
—'Não vêdes que é Albaninha,  
Que o traidor quer diffamar?'

Foram os tres para um canto,  
Poseram-se a aconselhar;  
Diziam os dois mais velhos:  
—'Vamo'-lo nós a mattar?'  
E o mais moço respondia:  
--'Vamo'-la nós a casar ?'  
—'Sim! e o dote que e la tem,  
Nós o temos de pagar.'

Vão ao quarto de Albaninha,  
De voda a foram achar;

Duas aias a vestiam,  
Duas a estão a tocar.  
—'Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar !  
As barbas de teu pae conde  
Que bem lh'as soubeste honrar!  
--'As barbas de meu pae conde  
Trattae vós de as honrar,  
Pagando-me ja meu dote,  
Que agora me vou casar.'



XX

A PEREGRINA



Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da 'Peregrina' que alguns também chamam da 'Princeza'.—A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo aproveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexo e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vai nas variantes.

O final, sublime e poetica idea que tanta predilecção mereceu aos antigos menestreis, é o mesmo de outros romances. Já notei<sup>1</sup> que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas vezes. Fez-se um 'logar

<sup>1</sup> *Romanceiro*, 1, pag. 181, ed. de 1843.  
YOL. III.

commum' romantico assim como tantas coisas bellas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Ilomero ou que Virgilio da meia-edade foi o original inventor d'este? Não é possivel sabê-lo: E sabemos nós se eguaes bellezas da Iliada ou da Eneida são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A 'Peregrina' tem todos os characteres de, antiga e original. É bella e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damninho talento de Cervantes que as fez acabar n'um Dom Quixote e na sua Dulcinea!



## A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina <sup>1</sup>  
Andava a peregrinar  
Em cata de um cavalleiro  
Que lhe fugiu, mal pezar!  
A um castello torreado  
Pela tarde foi parar:  
Signaes certos, que trazia  
Do castello, foi achar.  
--'Mora aqui o cavalleiro <sup>2</sup>?

1 Anda atrás do cavalleiro

A princeza a bom andar.—*Minho.*

És'a lição do Minho dá por titulo ao romance 'A Princeza.'

2 Está em casa o cavalleiro

Que aqui deve demorar?—*Tras os-Montes*

Aqui deve de morar.’  
 Respondêra-lhe uma dona  
 Discreta no seu fallar:  
 — ‘O cavalleiro está fóra,  
 Mas não deve de tardar.  
 Se tem pressa a peregrina,  
 Ja lh’o mandarei chamar.’

Palavras não eram dittas,  
 O cavalleiro a chegar:  
 — ‘Que fazeis porqui, senhora <sup>3</sup>,  
 Quem vos trouxe a este logar?’  
 -- ‘O amor de um cavalleiro  
 Por aqui me faz andar.  
 Prometteu de voltar cedo,  
 Nunca mais o vi tornar.  
 Deixei meu pae, minha casa <sup>4</sup>,  
 Corri por terra e por mar  
 Em busca do cavalleiro,  
 Sem nunca o podêr achar.’  
 -- ‘Negro fadairo, senhora,  
 Que tarde vos fez chegar!  
 Eu de vosso pae fugia  
 Que me queria mattar;  
 Corri terras, passei máres,  
 A este castello vim dar.

<sup>3</sup> Que fazeis porqui, princeza,  
 Que andais a procurar? — *Minho.*

<sup>4</sup> Deixei meu pae, minha gente — *Traz-os-montes.*

Antes que fôsse anno e dia  
 (Vós me fizestes jurar)  
 Com outra dama ou donzella  
 Não me havia desposar.  
 Anno e dia eram passados  
 Sem de vós ouvir fallar,  
 Co'a dona d'esse castello  
 Eu hontem me fui casar...'  
 Palavras não eram dittas,  
 A peregrina a expirar.  
 —'Ai penas de minha vida,  
 Ai vida de meu penar!  
 Que farei d'esta lindeza  
 Que em meus braços vem finir?'

Do alto de sua tôrre  
 A dama estava a raivar:  
 --'Levá-la d'ahi, cavalleiro <sup>5</sup>,  
 E que a deitem ao mar.'  
 --'Tal não farei eu, senhora,  
 Que ella é de sangue real...  
 E amou com tanto extremo  
 A quem lhe foi desleal.  
 Oh! quem não sabe ser firme,  
 Melhor fôra não amar.'  
 Palavras não eram dittas  
 O cavalleiro a expirar.

5 *Leva-a d'ahi, cavalleiro,  
 E vai lança-la no mar. — Minho.*

Manda a dona do castello <sup>6</sup>  
 Que os vão logo interrar  
 Em duas covas bem fundas  
 Alli junto á beira-mar.  
 Na campa do cavalleiro  
 Nasce um triste pinheiral <sup>7</sup>;  
 E na campa da princeza  
 Um saudoso canavial.  
 Manda a dona do castello  
 Todas as canas cortar;  
 Mas as canas das raizes  
 Tornavam a rebentar:  
 E á noite a castellana <sup>8</sup>  
 As ouvia suspirar.

6 De raivosa, a castelhana

Os mandou logo cortar.—*Minho*.

7 Nasceu um triste pinhal.—*Extremadura*.

Noto esta variante para marcar o uso indistincto das palavras 'pinhal e pinheiral' que a lingua consente.

8 E, por noite, a castellana—*Tras-os montes*.

E alta noite, a castellana—*Minho*.

E, de noite, a castellana—*Tras-os-montes*.

A lição que segui no texto é a que veio do Porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

XXI

DOM JOÃO



O assumpto d'este romance é um casamento á hora da morte, uma d'aquellas tardias mas soleinnes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado á consciencia do moribundo.

Os preconceitos de nascimento luctam, poderosos ainda n'esse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos d'alma, com os mesmos dictames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo espirante se lembra de deixar á infeliz donzella, — *infelix virgo!* — em compensação da sua honra perdida. 'Mil cruzados' lhe deixa: falta ahi villão que a queira, burguez que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina tambem dotada por seu senhor e seductor?

‘Mil cruzados não é nada’: lhe objectam. — ‘Pois darei mais duzentos’: regateia a suberba agonizante. — ‘A honra não se paga aos cruzados,’ -- ‘Pois, terras, villas, senhores e castellos a quem casar com ella. Ha tanto escudeiro e cavalleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tam generoso, quem hade recusá-lo? E para o que duvidasse... argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!’

Forte é o orgulho que assim lucha, quando ja na beira do sepulchro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir villanamente o cavalleiro pundonoroso, quando, n’uina derradeira esperança de vida, falsamente promettia á ingenua donzella ‘as benções de um arcebispo e a estolla da sancta egreja’. Vivesse elle, e taes promessas se cumpriam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe



da desgraçada, que o não ousaria se viva era — que por ventura foi morrer de vergonha a um canto. — Não, mas sua propria mãe d'elle, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que alli está debulhada em lagrymas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é victima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tam pouco.

A mulher triumphou. As ultimas palavras do vencido são bellas :

— 'Pois fique esta mão ja fria  
Na sua mão adorada.  
De Dom João é viuva,  
Condessa será chamada.'

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são — não me canço de o fazer notar — os que dão á poesia do romance este vigor que se não acha n'outras, este character que a distingue em todas as nações, em todas as linguas.

Mais adeantada civilização trará poetas que *inluminem*, que repintem a côres estes simples desenhos a lapis do menestrel. Mas crear não liãode elles nunca, se não fecharrem os livros escriptos, para abrirem o do coração, para estudar por elle o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente rómance veio-me do Minho; variantes notaveis não me appareceram; nas collecções castelhanas não está; e não o creio — isto é, não o presinto mais antigo do que o seculo xv ou principios do xvi.

## DOM JOÃO

Lá das bandas de Castella  
Triste nova era chegada:  
Dom João que vem doente,  
Mal pezar de sua amada!  
São chamados tres doutores  
Dos que têm mais nomeada:  
Que, se algum lhe dêsse vida  
Teria paga avultada.  
Chegaram os dois mais novos,  
Dizem que não era nada;  
Porfim que chega o mais velho,  
Diz com voz desinganada:  
—Tendes tres horas de vida,  
E uma está meia passada;  
Essa é para o testamento:  
Deixar a alma incommendada!

A outra é para os sacramentos, -  
Que inda é mais bem impregada.  
Na terceira as despedidas  
Da vossa dama adorada.'

Estando n'estas conversas,  
Dona Isabel que é chegada.  
Ergueu os olhos para ella  
Com a vista ja turvada:  
—'Ainda bem que vieste,  
Minha prenda desejada,  
Que tanto queria ver-te  
N'esta hora minguada!'  
—'Tenho fe na Virgem sancta,  
N'ella venho confiada,  
Que me hade ouvir e salvar-te,  
Que o teu mal não será nada.'

—'Oh! que se eu chegar a erguer-me,  
Minha rosa namorada,  
No vaso d'este meu peito  
P'ra sempre serás plantada,  
Co'as bençãos de um arcebispo  
E de agua benta regada,  
Co'a estolla da sancta egreja  
Ao meu coração atada.'

Estando n'estas conversas,  
Sua mãe que era chegada:

—‘Que tens tu, filho querido  
D’esta alma amargurada?’

—‘Tenho, mãe, que estou morrendo,  
Que ésta vida está acabada;  
Com só tres horas por minhas,  
E uma já meio passada.’

—‘Filho de minhas intranhas,  
N’esta hora minguada  
Lembra-te se algo deves  
A alguma dama honrada.’

—‘Minha mãe, que devo, devo...  
E Deus me não peça nada!  
Dona Isabel que em má hora  
Por mim fica diffamada.  
Mas deixo-lhe mil cruzados  
Para que seja casada.’

—‘A honra não se paga, filho;  
Mil cruzados não é nada.’

—‘Ja lhe deixo mais duzentos  
E a cruz de minha espada.’

—‘A honra não se paga, filho;  
Os cruzados não são nada.’

—‘Deixo-a a estes tres doutores  
Muito bem incommendada;  
E a vós, minha mãe, vos peço  
Que a tenhais bem guardada.  
O que com ella casar  
Tem uma villa ganhada;  
O que lhe disser que não

Tenha a cabeça cortada.’  
—‘A honra não se paga, filho;  
Nem com terras é comprada:  
Se a essa dama lhe queres,  
Não a deixes deshonrada!’  
—‘Pois fique ésta mão ja fria  
Na sua mão adorada:  
De D. João é viuva,  
Condessa será chamada.’

XXII

HELENA





Se a Dona Izabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena d'este romance, não encontrou na mãe de seu marido senão a proverbial 'sogra' de todos os rifões e ditados de todos os povos. Inredadora, invejosa, má-língua, sogra emfim, sogra extreme, e puro sangue — como em stylo cigano do Jockey-club, manda a moda anglogalla que hoje se diga — a sogra excita com dieterios e mentiras a bruteza estúpida de seu filho: faz com que elle vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestavel casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dôres de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o ninho e confôrto que

juncto da odiosa sogra não podia achar. Cego de cholera e despeito, o bruto a nada attende. É a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angelica da victima, as suas despedidas ao filhinho recém-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabridas alturas 'd'aquella serra' por onde a levam n'aquelle cavallo andaluz que 'anda mais que o luar' — tudo são bellezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra lieção veio depois, da Beiralta, que não differe muito. Sempre noto porém alguma variante, pôstoque ellas valham pouco. Parece-me portuguez de nascença; não ha d'elle vestigio em collecção castelhana de que eu saiba.

## HELENA

—'Ai! que saudades me apertam  
Pela casa de meu pae!

Tambem me apertam as dores,  
E minha mãe sem chegar!

—'Se as saudades te apertam,  
Bem n'as pódes ir mattar;  
As dores não serão muitas,  
Toma o caminho—e andar!'

—'E á noite meu marido,  
Quem lhe dará de cear?'

—'Da caça que elle trouver,  
Eu lh'a farei amañhar<sup>1</sup>.

Do meu pão e do meu vinho  
O que elle quizer tomar.'

<sup>1</sup> Aprestar. *Beiralla*.

—‘Onde está mi’ espôsa Helena  
Que me não dá de cear?’

--‘Tua espôsa Helena, filho,  
Foi-se para não tornar.

Que ia para sua casa,  
Que nos não póde aturar.

Chamou-me a mim perra velha,  
A ti filho de mãe tal.’

--‘O meu cavallo andaluz<sup>2</sup>  
Ja e ja m’o vão sellar.

Essa mulher, por Deus juro  
Que ella m’as tem de pagar.’

--‘As boas novas, meu genro<sup>3</sup>,  
Que tenho para vos dar!

Filho barão, e tam lindo,  
Um anjo de pôr no altar!’

—‘Novas me dão, boas novas;  
Más as trago eu para dar:

Que a mãe que o pariu  
Não é que o hade criar.

Ergue-te d’ahi, Helena,  
Que me tens de acompanhar.’

--‘Paridinha de uma hora,  
Onde a quereis levar?’

1 Que me sellem meu cavallo,  
Depressa, não devagar.—*Extremadura.*

2 Alviçaras, meu irmão,  
Que ja m’as devias le dar.—*Beiralta.*

—‘Para perto, e bom caminho ;  
Não tem muito que penar,  
Que o meu cavallo andaluz  
Anda mais do que o luar.’

—‘Ande elle, que não ande,  
Onde a quereis levar?’

—‘Call’-se d’ahi, minha mãe,  
Ja se havia de callar ;  
Que a mulher que é bem casada,  
O marido a hade mandar.

Que me dem a minha cinta,  
Para eu me conchegar,  
E esse meu gibão forrado  
Para melhor me abafar.

E agora dem-me o meu filho,  
Que o quero abraçar.

Ai! d’estes beijos, meu filho,  
Se te saberás lembrar ?

Lembrae-lh’o vós, minha mãe,  
Quando elle souber fallar.’

—‘Que dizes, filha, que dizes?’

—‘Minha mãe, isto é folgar ;  
Que é tam perto e bom caminho  
Para onde temos de andar ;  
E o cavallo andaluz,  
Anda mais do que o luar.’

O cavallo era andaluz  
Andava mais que o luar ;  
O caminho era de pedras,

Elle ia a tropeçar.  
 Vão andando, vão andando  
 Sem um nem outro fallar,  
 Ella ja tem as mãos frias,  
 O corpo está-lhe a inchar;  
 Chegando ao alto da serra <sup>4</sup>  
 Deu um ai, quiz desmaiar.  
 —‘Que ais são esses, Helena?  
 Porque estás a suspirar?’  
 —‘É que se me acaba a vida,  
 —‘É que me estou a finar:  
 Paridinha de uma hora,  
 Sinto-me em sangue alagar.’

Ja se não tem a cavallo,  
 Alli a foi apear:  
 Era a agonia da morte  
 Que ja lhe estava a apertar.  
 —‘A quem deixas o teu oiro <sup>5</sup>,  
 Que t’o hajam de estimar?’  
 —‘Deixo-o a minhas irmans,  
 Se tu lh’o quizeres dar.’  
 —‘A quem deixas essa cruz  
 E as pedras do teu collar?’  
 —‘A cruz, deixo-a a minha mãe

<sup>4</sup> Lá no mais alto da serra — *Extremadura*.

<sup>5</sup> *Oiro* em stylo camponez quer dizer — joias, ornatos de oiro de pessoa. O meu oiro é o oiro com que me adórno — como em stylo de cidade a *minha prata* é a prata de men serviço de casa

Que por mim lhe hade rezar.  
 As pedras não as quer ella,  
 E bem n'as podes guardar:  
 Se a outra as deres, marido,  
 Melhor lh'as deixes lograr.<sup>6</sup>  
 —'Tua fazenda a quem deixas,  
 Que t'a saibam grangear?'  
 —'Deixo-t'a a ti, marido;  
 Que t'a deixe Deus gosar!'  
 —'A quem deixas o teu filho  
 Que t'o hajam de criar?'  
 —'A tua mãe—que Deus queira  
 Amor lhe venha a ganhar!'  
 —'Não o deixes a essa perra,  
 Que é capaz de t'o matar.  
 Ai! deixa-o antes a tua,  
 Que bem n'o hade criar.  
 Com lagrymas de seus olhos  
 Bem n'o ella hade lavar;  
 Toucas de sua cabeça<sup>6</sup>  
 Tirará para o pençar.'  
 De ouvir aquellas palavras  
 A pobre quiz-se animar;  
 Mas a voz que vem do peito  
 A bôcca não póde achar<sup>7</sup>.  
 Inda lhe disse c'os olhos

6 E as toucas da cabeça

Despirá para o pençar.—*Extremadura*.

7 Não póde á bôcca chegar.—*Beiralta*.

Que lhe estava a perdoar.  
 —'Não me perdoes, Helena,  
 Que Deus te hade escutar.  
 Ai! as penas do inferno,  
 Ja as eu coméço a pênar,  
 Que vejo subir ao ceo  
 O meu anjo tutelar.  
 Mal hajam linguas traidoras <sup>s</sup>  
 E ouvidos que lhe eu fui dar!  
 Que por amor das más linguas  
 Meu anjo vim a mattar!  
 Sette annos e mais um dia  
 Me irei a peregrinar,  
 Á porta sancta de Roma  
 Me quero ir ajoelhar;  
 E aqui um sancto convento  
 Fundarei n'este logar,  
 Com sette missas por dia  
 Cada uma em seu altar;  
 Que digam todos que o virem:  
 '*Aqui foi seu mal-peccar,*  
*E aqui fez penitencia*  
*Para Deus lhe perdoar.'*

s Mal hajam as linguas traidoras  
 E ouvidos que lhe eu fui dar,  
 Que por amor das más linguas  
 Meu amor vim a mattar. — *Extremadura.*



XXIII

A MORENA



Este romance é vulgar na Extremadura e Beira e nas duas provincias d'além do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castello-branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciaes o que foi necessario para lhe dar complemento. Transmittidas de bôcca em bôcca, — não me canso de o repisar — por tantas gerações, éstas coplas foram-se alterando com mutilações e interpoações graduaes, mas não constantes nem uniformes. O rustico menestrel de uma aldea tinha às vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avò velha que os recitava á lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia; não

poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado d'este depósito commum, e, com mudanças de nomes e sitios, transformou a historia de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças — como das mutiladas reliquias de um templo d'Isis se fazia nas eras byzantinas uma basilica de christãos; como de versos de Virgilio se compunham os celebrados *centões*; de pensamentos de Homero, de phrases de todos os poetas antigos, cozidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de ha dois e tres seculos; como ainda até ha bem pouco tempo se escreviam tambem quasi todos os mesmos poemas vulgares. Dem desconto á simplicidade da obra e á inexperiencia do artista, e hãode achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porém desvairadamente em epochas e logares differentes; e d'aqui a necessidade de collacionar as tradições de uma provincia, de um districto, de uma aldeia ás vezes, com as de outra,

No romance da 'Morena' não parecem descobrir-se vestígios de mui remota antiguidade: assim a adivinhar, deitá-lo-hia pelo seculo dezeseis. A elle sabe o mandar os escravos *á fonte buscar agua*, o *manteo de cochonilha*, e outras expressões que taes. Tem comtudo um certo sabor de originalidade no stylo, um tom familiar sem baixeza, um natural tam despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionavel da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse ésta flor singella, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fataes tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assumpto é uma vulgar aventura d'aldea — d'essas que fez tam communs a devassidão dos mosteiros ruraes : isso mesmo a deixou porventura conservar na memoria dos homens como historia do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla ha uma pinclada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda

de moral: ao encarar com a victima de sua profana leviandade, estendida n'uma tumba, o seductor *riu-se*, e o marido — diz o sincero trovador — *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de côr postiça, que tinha porcima, cahiram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como n'outros casos muitas vezes é, cozer a tella rasgada ou avivar o desenho sumido: o fundo estava são e inteiro.

Nas collecções castelhanas não ha vestigio d'este romance; tenho-o por inteiramente portuguez e absolutamente popular.

## A MORENA

Fui-me á porta da Morena <sup>1</sup>,  
Da Morena mal casada:  
—‘Abre-me a porta, Morena  
Abre-m’a por tua alma!’  
—‘Como te heide abrir a porta,  
Meu frei João da minha alma,  
Se tenho a menina ao peito

**1** Em algumas lieções provinciaes, designadamente nas da Extremadura, começa assim:

Frgueu-se frei Joanico  
Um dia de madrugada,  
Vestido de ponto em branco  
E tangendo sua guitarra,  
Fol-se á porta de Morena,  
A Morena etc. - *Extremadura.*

E meu marido á ilharga ?  
 Estando n'estas razões,  
 O marido que acordava:  
 —'Que é isso, mulher minha<sup>2</sup>,  
 A quem dás as tuas fallas ?'  
 --'Digo á môça do forno,  
 Que veio ver se amassava,  
 Se amassasse pão de leite,  
 Que lhe deitasse pouca agua.'  
 —'Ergue-te, ó mulher minha.  
 Vai cuidar da tua casa;  
 Manda teus moços á lenha,  
 Teus escravos buscar agua.'  
 —'Ergue-te d'ahi, marido,  
 Vai ao monte pela caça;  
 Não ha coelho mais certo  
 Do que é o da madrugada.'

O marido que sahia,  
 Morena que se infeitava;  
 Seu manto de cochonilha<sup>3</sup>  
 De dôze testões a vara,  
 Meia de seda incarnada  
 Que na perna lhe estalava,

<sup>2</sup> Que é isso, Morenita — *Alentejo*.

<sup>3</sup> Com seu mantilho de lustro

Que o vento lh'o levava,

Seu sapatinho picado

Que no pé lhe rebentava — *Estremadura*.



Sua bengalla na mão  
 Que mal no chão lhe tocava.  
 Foi-se direita ao convento,  
 À portaria chegava.  
 O porteiro é frei João <sup>4</sup>  
 Que pela mão a tomava;  
 Levou-a á sua cella,  
 Muito bem a confessava...  
 Penitencia que lhe deu,  
 Logo alli mesmo a resava.

A' sahida do convento  
 O marido que a encontrava:  
 —'D'onde vens, ó mulher minha,  
 Donde vens tam arraiada?'  
 --'Venho de ouvir missa nova,  
 Missa nova bem cantada:  
 Disse-a o padre frei João,  
 Que assim venho consolada.'  
 —Consolar-te heide eu agora  
 Com a ponta d'esta espada...<sup>5</sup>  
 Deu-lhe um golpe pelos peitos,  
 Deixou-a morta deitada.  
 --'Não se me dá de morrer,  
 Que o morrer não custa nada;

4 Frei João que a viu chegar,

Em vez de correr, saltava.—*Beiralla*.

5 Com o olho d'esta enchada.—*Beiralla*.

Da se-me da minha filha,  
Que a não deixo desmamada!  
—'Fôras tu melhor mãe que es.  
Não fôras tam mal casada,  
Não havias de morrer  
D'esta morte desastrada.'

Levavam-n'a ao convento,  
N'uma tumba amortalhada:  
Surria-se o frei João,  
E o marido... é quem chorava.

XXIV

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA



Apezar de que se não encontra nas collecções impressas, sabemos, pelos nossos escriptores portuguezes, que este romance é de inquestionavel origem castelhana. Por fins do seculo XVI ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, ja se vê, em castelhano se cantava. D'esse tempo escrevia Jorge Ferreira na *AULEGRAPHIA*<sup>1</sup>: 'Não ha entre nós quem perdoe a hua troua portugueza, que muytas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.' Bem ás-vessas do que succedia dois seculos antes, em tempos do marquez de Santillana, que os cas-

1 *Aulegraphia*, act. II, sc. 9, fol. 66. vers. da ed. de 1619.

telhanos trovavam em portuguez para serem acceitos seus dizeres e cantares na propria côrte dos reis de Castella<sup>1</sup>.

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu titulo primitivo '*O rapaz do Conde Duros*', porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas scenas da já citada AULEGRAPHIA, tâm ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos d'aquelle tempo. E' na primeira do acto III, chistosa e desinfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Graside de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* à moda do tempo com agudezas e requintes, em quanto não vem o jantar 'que está para dois toques', Tracta-se entre aquelles fashionaveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices d'então — como hoje seria jogar um *ruber* (róber?), experimentar uma walsa nova no

<sup>1</sup> Carta do marquez de Santillana ao condestavel de Portugal: pag. LVII, tom. I da collecção de Sauches, Madrid 1779.

piano etc. Não é o menos gracioso d'este quadro, o áparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que á soccapa estão glosando e mettendo a ridiculo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se emfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poyz que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Duros.*

ROCHA

De prazer vum vosso zico, algum passarinho n vo viu lá

CARDOZO

Veria muyto má ventura. que sempre anda apos estes...

DINARDO, canta

Pregonadas sou las guerras

De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste

Viejo cano y pecador?...

(Quebra-se-lhe uma corda) Ah pezar de Maloma!

CARDOZO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem a musica, quando estais no melhor, deixa-vos em branco uma prima falsa...!

Dei mais largas á curiosa citação por ser, como é, tam indubitavel e interessante do-

1 *Aulographia*, act. III, sc. 1, fol. 84.

cumento para a historia do romance em Portugal, e porque tambem são ja rarissimos os exemplares d'essa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, estrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portugueza; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer portuguez na aldea.

Vai em tres seculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas d'elle quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje á lareira d'algum pobre abegão do Alemtejo, — que para ricos lavradores, com filhas que ja contradançam talvez, senão é que walsam e polkam tambem — é o triste de muito má companhia ja. Tambem das provincias do Norte vieram noticias e cópias d'elle; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes traz das diversas provincias: aqui é 'Dona Leonor' além 'Dom João' n'outra parte 'Dom Carlos' etc.



Quando ha dez annos o erudito auctor de ISABEL OU A HEROINA DE ARAGÃO<sup>1</sup>, o publicou sob o mesmo titulo e como illustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que apparecia impresso em portuguez; contando o primeiro no suspeito 'Figueiredo' de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na 'Silvana' e no 'Bernal-Francez' que eu publicára em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por titulo, o que trouxe das ilhas, da 'Donzella que vai á guerra', porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem propria sempre de taes rhapsodias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

<sup>1</sup> *Isabel ou a heroína de Aragão* por J. M. da Costa e Silva. Lisboa, 1852.



## DONZELLA QUE VAI À GUERRA

--'Ja se apregoam as guerras <sup>1</sup>  
Entre a França e Aragão :  
Ai de mim que ja sou velho,  
Não nas posso brigar, não <sup>2</sup> !  
De sette filhas que tenho  
Sem nenhuma ser barão ! . . .'  
Responde a filha mais velha <sup>3</sup>  
Com toda a resolução :

1 Pregoadas são as guerras

Entre França e Aragão.

Como as faria triste

Velho cano e peccador?—*Licção antiga em Jorge Ferreira.*

2 As guerras me acabarão.—*Lisboa.*

Triste de mim que sou velho,

As guerras me acabarão.—*Alemtejo, Extremadura.*

3 Responde Dona Guimar.—*Lisboa.*

--'Venham armas e cavallo  
Que eu serei filho barão.'

—'Tendes los olhos mui vivos <sup>4</sup>.  
Filha, conhecer-vos-hão.'

--'Quando passar pela armada <sup>5</sup>  
Porei os olhos no chão.'

—'Tendes los hombros mui altos  
Filha, conhecer-vos-hão.'

—'Venham armas bem pesadas,  
Os hombros abaterão <sup>6</sup>.'

—'Tende'-los peitos mui altos  
Filha, conhecer-vos-hão.'

—'Venha gibão apertado <sup>7</sup>,  
Os peitos incolherão.'

--'Tende'-las mãos pequeninas <sup>8</sup>  
Filha conhecer-vos-hão.'

4 'Tendes las tranças compridas,  
Filha, conhecer-vos-hão.'

—'Venham umas tesouras,  
As tranças irão ao chão.—*Minho*  
—'Tendes los olhos garridos.—*Açores*.

5 Pela hoste.—*Beiralta*.  
Pelos homens.—*Minho*.

6 Abaixarão.—*Lisboa*.  
Incolherei os meus peitos  
Dentro do meu coração.—*Minho*.

7 Venha já um alfaiate  
Faça-me um justo gibão—*Extremadura, Alentejo, Algarve*.

8 Delicados—*Alentejo, Beiralta*.  
Muito finos.—*Beirabaixa*.

Venham ja guantes de ferro <sup>9</sup>,  
E compridas ficarão.'

—'Tende'-los pés delicados,  
Filha, conhecer-vos-hão.'

—'Calçarei botas e esporas,  
Nunca d'ellas sahirão.'

—'Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração;  
Que os olhos do conde Daros <sup>10</sup>  
São de mulher, de homem não.'

--'Convidae-o vós meu filho,  
Para ir comvosco ao pomar <sup>11</sup>.

Que se elle mulher for,  
Á maçan se hade pegar <sup>12</sup>.

A donzella por discreta,

9 Mette-las-bei n'umas luvas— *Extremadura*,

Calçá-las-bei n'umas luvas,

D'ellas nunca sahirão— *Alentejo, Minho*,

Venham manapolas de ferro.— *Traz-os-montes*,

Os pés bem grandes serão.— *Minho, Beiralta*.

10 Dom João.— *Açores*,

D. Martinho.— *Lisboa, Alentejo*,

D. Marcos.— *Extremadura*,

Dom Claros.— *Minho*.

11 Jardim — *Minho, Açores, Lisboa*,

12 Co'as rosas se hade tentar.— *Lisboa*,

Com as flores se hade armar.— *Minho*,

As rosas o hade buscar.— *Açores*.

O camoez foi apanhar <sup>13</sup>.  
 —‘Oh que bellos camoezes  
 Para um homem cheirar!  
 Lindas maçãs para damas  
 Quem lh’as podéra levar.’  
 --‘Senhor pae, senhora mãe,  
 Grande dor de coração ;  
 Que os olhos do conde Daros <sup>14</sup>  
 São de mulher, de homem não.’  
 --‘Convidae-o vós, meu filho,  
 Para comvosco jantar;  
 Que, se elle mulher for <sup>15</sup>  
 No estrado se hade incruzar <sup>16</sup>.  
 A donzella por discreta.  
 Nos altos se foi sentar <sup>17</sup>.  
 --‘Senhor pae, senhora mãe,  
 Grande dor de coração ;  
 Que os olhos do conde Daros <sup>16</sup>

13 Á lima se foi pegar:

—‘Oh que bella lima ésta’—*Lisboa*.

Uma cidra foi mirar.—*Algarve, Minho*.

14 As mesmas variantes respectivas.

15 Porque no partir do pão

Se virá a delatar :

Que se elle o partir no peito,

Por mulher se hade mostrar.—*Açores*.

16 Baixo assento hade ir buscar.—*Minho*.

17 O mais alto foi buscar.—*Lisboa*.

No mais alto quiz estar.—*Minho*

18 As mesmas variantes.

São de mulher, de homem não.’  
 --‘Convidae -o vós, meu filho,  
 Para comvosco feirar;  
 Que, se elle mulher for,  
 As fittas se hade pegar.’  
 A donzella, por discreta,  
 Uma adaga foi comprar <sup>19</sup>.  
 --‘Oh que bella adaga ésta  
 Para com homens brigar!  
 Lindas fittas para damas:  
 Quem lh’as podera levar!’  
 --‘Senhor pae, senhora mãe,  
 Grande dor de coração;  
 Que os olhos do conde Daros  
 São de mulher, de homem não.’  
 --‘Convidae-o vós, meu filho,  
 Para comvosco nadar;  
 Que, se elle mulher for.  
 O convite hade escusar <sup>20</sup>.’  
 A donzella, por discreta,  
 Começou-se a desnudar...  
 Traz-lhe o seu page uma carta,  
 Pôs-se a ler, pôs-se a chorar:

19 N’uma adaga foi pegar.—*Lisboa*.  
 Foi uma espada apreçar.—*Minho*.  
 Oh que lindas fittas verdes  
 Para môças enganar!—*Açores*.

20 Desculpa vos hade dar.—*Lisboa*.  
 Ja se hade acovardar.—*Alentejo*.  
 VOL. III.

--'Novas me chegam agora,  
Novas de grande pezar:  
De que minha mãe é morta,  
Meu pae se está a finar.  
Os sinos da minha terra  
Os estou a ouvir dobrar;  
E duas irmans que eu tenho,  
D'aqui as oiço chorar.'  
—'Monta, monta, cavalleiro!  
Se me quer acompanhar.'  
Chegavam a uns altos paços <sup>21</sup>,  
Foram-se logo apear.  
—'Senhor pae, trago-lhe um genro,  
Se o quizer acceitar;  
Foi meu capitão na guerra,  
De amores me quíz contar...  
Se ainda me quer agora,  
Com meu pae hade fallar.'

Sette annos andei na guerra  
E fiz de filho barão.  
Ninguem me conheceu nunca  
Senão o meu capitão;  
Conheceu-me pelos olhos,  
Que por outra coisa não.

21 Chegam: juntos do castello.—Lisboa.



XXV

O CAPTIVO



Vendido no mercado de Salé pelos corsarios que o tomaram, um pobre captivo christão vai ser escravo de avarento e ricco judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capitulo de uma historia sabida e commum: e naturalmente se espera ja o segundo, que é namorar-se do interessante captivo a bella filha do mau perro judio, animá-lo, consolá-lo, querer fugir com elle de moirama.—Atéqui vamos pela estrada coimbran d'estas aventuras, que por seculos foram quasi quotidianas entre nós. Mas d'ahi por deante o caso sai um tanto da marcha ordinaria. O captivo não renega nem foge com a bella judia; e ella apaixonada, rendida, perdida... conhece por fim que não é amada: nos molles braços da

amante, o ingrato christão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores. quem sabe? Mas

‘Chorava — que não por ella!’

Não se espera a vingança da bella judia: da-lhe dinheiro para se resgatar, dinheiro do seu d’ella que sua mãe lhe deixára. Apertada pelo pae que supeita a verdade, ella confessa tudo, mas defende o christão por innocente; e só de uma alta tórre, contempla a última vela que lhe foge no horizonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fôra; não me chegou informação de que se internasse mais pelas provincias: não deve de ser mais antigo que o meado do seculo xvii se a copla em que se allude a Ceuta e a Mazagão não é ‘rifacimento’ moderno, como tambem póde ser, e me inclino a crer que é, porque no resto, o sabor e o stylo é mais velho.

Não apparece nas collecções castelhanas; e se não foi originalmente escripto em portu-

guez, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestigio bem auctorisado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo, la* em vez de *o, a*; porque não só os escriptores antigos, mas o povo de hoje os substitue assim a miudo quando lh'o pede o mal soante do hyato. Tambem dizem *mi'* por *minha, padre e madre* por *pae e mãe*; e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pae* diz ainda hoje, por euphonia, o alemtejano, como em tempos de Gil-Vicente, se dizia e cantava *m' amor* por *meu amor*.



## O CAPTIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo<sup>1</sup>  
N'uma linda caravela;  
Captivaram-nos os moiros  
Entre la paz e la guerra.  
Para vender me levaram<sup>2</sup>  
A Salé, que é sua terra.  
Não houve moiro nem moira  
Que por mim nem branca dera<sup>3</sup>;

1 Meu pae era de Hamburgo.

Minha mãe de Hamburgo era — *Ribatejo*.

2 Me levaram a vender

A Salé, que é má terra — *Extremadura*.

3 *Ni blanca* é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros nossos escriptores se encontra. Ditto familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e phrase franceza ou ingleza, por termos com as ceizas, livres e usos d'estas nações o mesmo tracto que então tihamos com castelhanos.

Só houve um perro judio  
 Que alli comprar-me quizera;  
 Dava-me uma negra vida,  
 Dava me uma vida perra;  
 De dia pisar esparto,  
 De noite moer canella,  
 E uma mordação na bôcca  
 Para lhe eu não comer d'ella.  
 Mas foi a minha fortuna.  
 Dar c'uma patroa bella,  
 Que me dava do pão alvo,  
 Do pão que comia ella.  
 Dava me do que eu queria,  
 E mais do que eu não quizera;  
 Que nos braços da judia  
 Chorava--que não por ella.

Dizia-me então:--'Não chores,  
 Christão, vai-te á tua terra.'  
 —'Como me heide eu ir, senhora,  
 Se me falta la mocda?'  
 —'Se fôra por um cavallo,  
 Eu uma egua te dera <sup>4</sup>;  
 Se fôsse por um navio,  
 Dera-te uma caravella <sup>5</sup>.'  
 —'Não fôra por um cavallo,  
 --'Não fôra, senhora bella,

4 Eu te daria uma egua—*Ribatejo*.

5 Dar-te bla uma gallera—*Lisboa*



Que está longe Mazagão,  
Ceuta tem voz de Castella.  
Nem por navio não fôra,  
Que eu fugir não quizera,  
Que era roubar a teu pae  
Dinheiro que por mim dera.’  
—‘Toma ésta bolsa, christão,  
Feita de seda amarella <sup>6</sup>;  
Minha mãe quando morreu  
Me deixou senhora d’ella.  
Vai-te, paga o teu resgate;  
E ás damas de tua terra  
Dirás o amor da judia  
Quanto mais vale que o d’ellas.’

Palavras não eram dittas,  
O patrão que era chegado.  
—‘Venhais embora, patrão,  
E vinde com Deus louvado,  
Que agora tenho recado  
Que o meu resgate é chegado <sup>7</sup>.’  
—‘Christão, Christão, que disseste!  
Olha que é muito cruzado.  
Quem te deu tanto dinheiro

6 Com mil dobrões dentro d’ella.

Co’as mil doblas que estão n’ella.—*Ribatejo*.

7 Este é um dos muitos exemplos de se faltar de vez em quando á forçada lei da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repiaado consoante ou toante obrigado.

Para seres resgatado?’

—‘Duas irmans m’o ganharam,  
Outra m’o tinha guardado <sup>8</sup>;  
E um anjo do ceo m’o trouxe.  
Um anjo por Deus mandado.’

—‘Dize-me, ó christão, dize  
Se queres ser renegado,  
Que te heide fazer meu genro,  
Senhor de todo o meu estado.’

—‘Eu não quero ser judio  
E nem turco arrenegado,  
E não quero ser senhor,  
De todo esse teu estado <sup>9</sup>,  
Porque trago no meu peito  
A Jesus crucificado <sup>10</sup>.’

—‘Que tens tu, filha Rachel <sup>11</sup>?  
Dize-me cá, filha amada,  
Se é pelo christão malditto <sup>12</sup>

<sup>8</sup> Que por mim estão a soldado—*Ribatejo*.

Esta phrase a soldado para dizer: estão sêrvino a soldado, a soldo, como criados, etc. foi nova para mim; vê-se porém que é legitima portugueza. Não aproveitei para o texto esta variante por causa da amphibologia.

<sup>9</sup> De todo esse teu reinado—*Extremadura*.

<sup>10</sup> Outro exemplo de acrescentar dois versos à redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um d’elles.

<sup>11</sup> Anda cá, ó filha Angelica—*Lisboa*.

<sup>12</sup> Se é pelo christão que choras,  
Que te deixou deshourada—*Ribatejo*.

Que ficaste desgraçada.'  
--'Meu pae deixe o christão, deixe,  
Que elle não me deve nada:  
Deve-me a flor de meu corpo,  
Mas de vontade foi dada.'

Mandou fazer-lhe uma tórre  
De pedraria lavrada;  
Que não dissessem os moiros:  
--'A judia é deshonorada.'  
Violla, minha violla,  
Fica-te aqui pendurada <sup>13</sup>  
Que lá vão os meus amores  
Por essa agua salgada.

13 Aqui te deixo por mão,  
Que os amores da judia  
Pelas ondas do mar vão.—*Ribatejo.*



XXVI

A NAU CATHRINETA



Não é para admirar que seja tam geralmente sabida e querida ésta xácara. O que admira é que não seja mais commum entre nós o romance marítimo. Um paiz de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites de Europa, devassou todo o imperio das aguas para se estender pelo universo,— não póde deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldea que, em seus pequenos Lusiadas, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravella que se lançavam destemidos

Por mares nunca d'antes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de

naufragios que rivaliza em simplicidade antiga com os *Chronicons* da meia-idade, e cujos escriptores parecem discipulos do arcebispo Turpin, do auctor da 'Formosa Magalona' ou da 'Donzella Theodora.' Como elles, andaram muitos annos a cavallo em barbantes no logar do cego stacionario, ou no bornal do cego ambulante; e só em meios do seculo passado começaram a junctar-se em volumes na bem conhecida collecção intitulada '*Historia tragico-maritima* <sup>1</sup>.'

Algumas d'estas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interêsse e de verdade, contêm descripções inimitaveis, desenhadas do vivo, e taes que fazem impallidecer as mais animadas paginas do '*Reddrover*' e do '*Pirata*.'

Não cingrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes *Odysseas*? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na violla esses humildes cantares que não cabem na tuba epica, mas

<sup>1</sup> *Historia tragico-maritima*, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa occidental, 1735.



tambem não precisam dos characteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memcria do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossível: seus poetas tem, seus chronistas, seus historiadores; havia de ter seus menestreis e seus trovadores, a aventureosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingenuas rhapsodias, quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestes de suas páginas bellas?— que apenas hoje podêmos decyphrar a custo algum fragmento oblitterado como este!

Não é facil responder com precisão. Mas são certas as razões geraes e sabidas do orgulho monachal, e falso gôsto de nossos litteratos de universidade e de côrte. Se tirarmos Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, o mesmo ou peor diremos dos poetas, que todos ou quasi todos venderam sua alma aos classicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas fórmas de seus cantores naturaes.

‘A nau Cathrineta’ foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição pôsto na Ribeira-das-naus a algum galeão Sancta Catherina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse appellido *coquet* por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma d’essas qualidades graciosas que tanto apprecia o ôlho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoaes e respeito humanos. Entre as narrativas em prosa que ja citei, ha uma, por titulo—‘Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565’—que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a ésta bruteza, milagroso surgir à barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem—tudo isto ha na prosa da narração; e até o poetico

episodio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer— como na xácara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.

Fôsse porêem este, ou fôsse outro o caso que celebra o romance, houve tantos similliantes n'aquelles tempos, que de alguns d'elles, e no fim do seculo xv ou no xvi, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa peninsula rarissima vez admite o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingenuas peripecias. Composição em que elle appareça, quasi sem hesitar, se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais segnramente ainda á dos bardos e scaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mythologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais extranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a 'nau Cathrineta'; as mais notaveis vão appontadas.



## A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta <sup>1</sup>  
Que tem muito que contar!  
Ouvide, agora, senhores,  
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia <sup>2</sup>  
Que iam na volta do mar <sup>3</sup>,  
Ja não tinham que comer,  
Ja não tinham que manjar.  
Deitaram solla de molho  
Para o outro dia jantar;

1 Ora da nau Cathrineta

D'ella vos quero contar.—*Extremadura.*

2 Sette annos e um dia.—*Minho*

3 Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve que adoptei.

Mas a solla era tam rija <sup>4</sup>,  
 Que a não poderam tragar.  
 Deitaram sortes á ventura  
 Qual se havia de mattar;  
 Logo foi cahir a sorte  
 No capitão general.

—‘Sobe, sobe, marujinho,  
 Àquelle masto real, <sup>5</sup>,  
 Vê se vês terras de Hespanha,  
 As praias de Portugal.’

—‘Não vejo terras d’Hespanha,  
 Nem praias de Portugal;  
 Vejo sette espadas nuas  
 Que estão para te mattar <sup>6</sup>.’

—‘Acima, acima, gageiro,  
 Acima ao tope real!  
 Olha se inxergas Hespanha <sup>7</sup>,  
 Areias de Portugal.’

—‘Alviçaras, capitão,  
 Meu capitão general!  
 Ja vejo terras d’Hespanha,  
 Areias de Portugal.

4 Mas a solla era tam dura,  
 Que a não podiam rilbar:—*Minho*.

5 Àquelle tope real.—*Lisboa*.

6 Todas para te mattar.—*Extremadura*.

7 Vê se vês terras d’Hespanha,  
 Areias de Portugal.—*Minho*.

Mais inxergo tres meninas <sup>8</sup>  
 Debaixo de um laranjal:  
 Uma sentada a cozer,  
 Outra na roca a fiar,  
 A mais formosa de todas  
 Está no meio a chorar.'  
 —'Todas tres são minhas filhas,  
 Oh! quem m'as dera abraçar!  
 A mais formosa de todas  
 Contigo a heide casar.'  
 —'A vossa filha não quero,  
 Que vos custou a criar.'  
 —'Dar-te-hei tanto dinheiro  
 Que o não possas contar '  
 —'Não quero o vosso dinheiro,  
 Pois vos custou a ganhar.'  
 —'Dou-te o meu cavallo branco,  
 Que nunca houve outro igual <sup>9</sup>.'  
 —'Guardae o vosso cavallo,  
 Que vos custou a insinar.'  
 —'Dar-te-hei a nau Cathrineta <sup>10</sup>,

8 Tambem vejo tres meninas.—*Lisboa.*

... tres douzellas.—*Beirabaixa.*

9 Para n'elle campear.—*Ribatejo.*

10 A licção de Lisboa acaba aqui o romance por differente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demonio que toma a fôrma de gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo dá por verdadeira a apparição da terra, e conclue assim:

—'Que queres tu, meu gageiro,  
 Que alviçaras te heide eu dar?'

Para n'ella navegar.'  
 —'Não quero a nau Cathrineta,  
 Que a não sei governar.'  
 —'Que queres tu, meu gageiro,  
 Que alviçaras te heide dar?'  
 —'Capitão, quero a tua alma  
 Para commigo a levar.'  
 —'Renego de ti, demonio.  
 Que me estavas a attentar!  
 A minha alma é só de Deus;  
 O corpo dou eu ao mar <sup>11</sup>.'

Tomou-o um anjo nos braços,  
 Não n'o deixou affogar.  
 Deu um estouro o demonio,  
 Accalmaram vento e mar;  
 E á noite a nau Cathrineta  
 Estava em terra a varar <sup>12</sup>.

—'Eu quero a nau Cathrineta  
 Para n'ella navegar.'  
 —'A nau Cathrineta, amigo,  
 É d'elrei de Portugal.  
 Mas ou eu não sou quem sou,  
 Ou elrei t'a hade dar.'

Outra lição tambem diz n'esta ultima copla :

Pede-a tu a elrei, gageiro.  
 Que t'a não póde negar.

11 O corpo da agua do mar. — *Ribatejo*.

12 A bom porto foi parar. — *Ribatejo*.



XXVII

O CEGADOR



A edição arraiana d'este romance que me veio de Tras-os-montes chama-lhe 'A filha do imperador de Roma.' Não a segui no titulo nem em muitas partes do texto, incostei-me antes á licção da Beiralta. E so éstas duas me chegaram ; não me consta que n'outras provincias do reino seja conhecido.

Que imperador será este ? Teremos aqui algum episodio da crapulosa historia byzantina, ou é outro capitulo licencioso da chronica secreta de Carlos-Magno ? O trovador, que a trovou n'essa meia-idade, cujo sêllo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume : e adivinhe quem quizer se este imperador de Roma era do occidente ou do oriente, do alto ou do baixo imperio,

Cesar verdadeiro ou Kaiser de imitação germanica? Deve de ser d'estes ultimos pela menção do duque de Lombardia que no fim apparece.

A licção da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originaes, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* d'aldea.

Nos romanceiros castelhanos não se encontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituida pela collação dos dois textos que obtive, ésta ficou uma das mais completas reliquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

## O CEGADOR

O imperador de Roma  
Tem uma filha bastarda  
A quem tanto quer e tanto  
Que a traz mui mal criada.  
Pedem-lh'a condes, senhores <sup>1</sup>,  
Homens de capa e d'espada;  
Ella isenta e desdenhosa  
A todos lhes punha tacha:  
Um é criança, outro é velho <sup>2</sup>,  
Este que não tinha barba,  
Aquelle que não tem pulso  
Para puchar pela espada.

1 Pedem lh'a duques e condes.—*Tras-os-Montes*.

2 A uns que não eram homens,

Outros que não tinham barbas.—*Tras-os-Montes*.

Dizia-lhe o pae sorrindo :  
—'Inda hasde ser castigada!  
De algum villão de porqueiro  
Te espero ver namorada.'

Por manhan de San' João,  
Manhan de doce alvorada,  
Ao seu balcão muito cedo <sup>3</sup>  
A infanta se assomava  
Viu andar tres cegadores  
Fazendo sua cegada;  
O mais pequeno dos tres  
Era o que mais trabalhava.  
Fitta que traz no chapéu  
De oiro e seda era bordada;  
Fina prata que luzia  
A foice com que ceifava.  
De seu garbo e gentileza  
A infanta se namorava.  
O ceifeiro vai ceifando...  
Bem sabe elle o que ceifava!

Alli estava a aia discreta  
Em quem toda se fiava:  
—'Ves, aia, aquelle ceifeiro  
Que anda n'aquella cegada?

<sup>3</sup> Subiram-se a uma ventana

Uma ventana mui alta — *Tras os Montes.*

Condes, duques, cavalleiros,  
 Nenhum que o ceifeiro valha.  
 Vai-m'o chamar em segredo,  
 Que ninguem não saiba nada.'

—'Bom cegador, vem commigo,  
 Que te quer fallar minha ama.'  
 —Tua ama, não n'a conheço  
 Nem tam pouco a quem me chama <sup>4</sup>.  
 —'Cegador de boa estrea,  
 Traze'la vista mui baixa:  
 Alça os olhos e verás  
 A estrella da madrugada.'  
 —'Vejo o sol que vem nascendo,  
 Não vejo a estrella d'Alva.'  
 —'Estrella ou sol, vens commigo?'  
 —'Irei, pois quem póde, manda.'

Entraram por um postigo,  
 Que a porta inda era cerrada;  
 No camarim da princeza  
 O bom do ceifeiro estava.  
 —'Senhora que me quereis?  
 Pois venho á vossa chamada.'  
 —'Quero saber se te atreves  
 A fazer minha cegada?'

<sup>4</sup> Eu não conheço a senhora

Nem tam pouco a criada. — *Tras-os Montes.*

—‘Atrever, me atrevo a tudo;  
 Trabalho não me accovarda.  
 Dizei vós, senhora minha,  
 Onde é a vossa cegada.’  
 —‘Não é no monte ou no valle,  
 No baldio ou na coitada;  
 Cegador, é nos meus braços,  
 Que de ti estou namorada.’

Passou todo aquelle dia <sup>5</sup>,  
 O mais da noite passava,  
 Ceifando vai o ceifeiro...  
 Bem sabe elle o que ceifava!  
 —‘Basta, basta, cegador,  
 Feita está tua cegada:  
 Vai-te, que meu pae não venha,  
 Antes de ser madrugada.’

<sup>5</sup> Lá junto da meia noite  
 Ao cegador perguntava:  
 —‘Dizei-me, bom cegador  
 De quem en fico pejada.’  
 — ‘Eu sou filho de um porqueiro  
 E meu pae porcos guardava.’  
 —‘Oh, triste de mim, oh triste,  
 Oh, triste de mim coitada!  
 Pediram-me condes, duques,  
 Homens de capa e d’espada:  
 E agora eis-me aqui  
 De um porqueiro deshonrada.—*Tras-os Montes.*

N’esta lição de *Tras-os-Montes* que cá a Sr.<sup>a</sup> Mariã Joaquina do logar de Nantes, a xacara acaba com a variante citada,



Palavras não eram ditas,  
O pae á cama chegava:  
—‘Com quem fallas, minha filha,  
Tam cedo de madrugada?’  
—‘Fallo com ésta minha aia  
Que me tem desesperada;  
Uma cama tam mal feita  
Que dormir me não deixava.’  
—‘E’ forte aia essa tua  
Que a barba tem tam cerrada!  
Vista se já a donzella,  
Que, antes de ser madrugada,  
Pelo barbeiro do algoz  
A quero ver barbeada.’  
O cegador muito inchuto  
Sua sentença escutava,  
Com uma mão se vestia,  
Com a outra se calçava.  
Saltou no meio da casa  
Como se não fôra nada:  
—‘Venha ja esse barbeiro  
Com a navalha affiada:  
Ao duque de Lombardia  
Veremos quem faz a barba.’

O imperador mui contente  
Depressa alli os casava.  
Não quiz senhores, nem condes  
Homens de capa ou de espada,

Senão só o cegador  
Que andava em sua cegada.  
Podia ser um porqueiro  
Que a deixasse deshonrada...  
Sahiu-lhe um duque reinante,  
Senhor de alta nomeada.  
Pois tudo é sorte no mundo,  
A sorte foi bem deitada.

XXVIII

A NOIVA ARRAIANA



Veio de Almeida ésta xácara ; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra licção d'ella, nem vestigio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas emprezas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia — e bem pôsto está ao romance o titulo de 'Noiva arraiana'. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar : não póde pois ser outra a raia senão a do Algarve. O stylo da cantiga é ingenuo e purissimo ; os costumes que descreve primitivos e patriarchaes ; ha um sabor homerico n'este narrar e n'este fallar, que ninguem póde confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilisação mais

adeantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O factó é simples e mil vezes visto. Outra edição da Lucia de Lamermoor, outro cavalleiro de Ravenswood que apparece de repente no meio da voda de sua debil e mal constante namorada, quando ella, ja desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante — o seu, o que ella unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti tambem, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por ésta situação altamente dramatica, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e socègo; não indoudeceu nem mattou a sua Lucia; e nem d'ella nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguem. O cavalleiro portuguez faz justiça por outro modo nos que o tinham atraçoado. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a voda e o jantar.

## A NOIVA ARRATANA

—‘Deus vos salve, minha tia,  
Na vossa roca a fiar!’

--‘Venha embora o cavalleiro  
Tam cortez no seu fallar!’

--‘Má hora se elle foi, tia,

--‘Má hora torna a voltar!

Que já ninguem o conhece

De mudado que hade estar.

Por lá o mattassem moiros,

Se assim tinha de tornar!’

--‘Ai sobrinho de minha alma,

Que es tu pelou teu fallar!

Não ves estes olhos, filho,

Que cegaram de chorar?’

--‘E meu pae e minha mãe,

Tia, que os quero abraçar?’

--‘I eu pae é morto, sobrinho,  
Tua mãe foi a interrar.’

--‘Qu’ é da minha armada, tia,  
Que eu aqui mandei estar?’

--‘A tua armada, sobrinho,  
Mandou a o fronteiro ao mar.’

--‘Qu’ é do meu cavallo, tia,  
Que eu aqui deixei ficar?’

--‘O teu cavallo, sobrinho,  
Elrei o mandou tomar.’

--‘Qu’ é de minha dama, tia,  
Que aqui ficou a chorar?’

--‘Tua dama faz hoje a voda,  
Ámanhã se vai casar.’

--‘Dizei-me onde é, minha tia,  
Que me quero lá chegar.’

--‘Sobrinho, não digo, não,  
Que te podem lá mattar.’

--‘Não me mattam, minha tia;  
Cortezia eu sei usar:

E onde faltar cortezia,

Esta espada hade chegar.’

--‘Salve Deus, ó lá da voda,  
Em bem seja o seu folgar!’

--‘Venha embora o cavalleiro;  
E que se chegue ao jantar!’

--‘Eu não pretendo da voda



Nem tam pouco do jantar;  
Pretendo fallar á noiva,  
Que é minha prima carnal.'

Vindo ella lá de dentro  
'Toda lavada em chorar,  
Mal que viu o cavalleiro,  
Quiz morrer, quiz desmaiar.  
--'Se tu choras por me veres,  
Ja me quero retirar;  
Se é os teus gastos que choras,  
Aqui estou para os pagar.'  
--'Pagar devia co'a vida  
Quem me queria enganar,  
Quando te deram por morto  
N'essas terras d'alêm-mar.  
Mas que fiquem com a voda  
E bem lhes preste o jantar,  
Que os meus primeiros amores  
Ninguem m'os hade quitar.'

--'Venha juiz de Castella,  
Alcaide de Portugal;  
Que, se aqui não ha justiça,  
Co'êsta espada a heide tomar '



XXIX

GUIMAR



Dona Guimar — ou Dona Agueda — de Mexia, como lhe chama a lieção do Alentejo, é um interessante romancinho que apparece na tradição d'aquella provincia e na de Extremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras provincias nossas, nem pelas collecções castelhanas ha outro vestigio d'elle, que eu saiba.

Não é muito antigo o stylo. Mas o facto celebrado é o de uma morte apparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimonio: e d'isto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira resurreição o tornar a si o supposto defuncto.

Seja porém qual for a data d'esta composição, ha coplas d'ella que vão de par com o mais bello e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João á sua terra n'aquella manhan de maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Tambem não creio que haja nada mais bello que estou-tros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante :

Volta a vida que se fôra  
Com todo o amor que não se ia.

## GUIMAR

Era a menina mais linda <sup>1</sup>  
Que n'aquella terra havia;  
Tam formosa e tam discreta  
De outra egual se não sabia.  
Muito lhe quer Dom João,  
Muito demais lhe queria:  
Seus amores, seus requebros  
Não cessam de noite e dia.  
Por fidalgo e gentil moço  
Ninguem tanto a merecia;

1 Era uma menina bella  
Discreta e bem parecida,  
Dom João a namorava,  
Mil requebros lhe fazia.— *Alentejo.*

Senão que o pae da donzella <sup>2</sup>  
 Outro conselho seguia:  
 Casá-la quer muito ricca  
 Com um mercador que ahi havia,  
 Sem fazer caso de amores,  
 Sem lhe importar fidalguia.  
 Dom João, quando isto soube <sup>3</sup>,  
 Por pouco se não morria.  
 Foi-se d'alli muito longe  
 Sem dizer para onde ia.  
 Tres mezes por lá andou,  
 Tres mezes n'essa agonia;  
 A vida que lhe pesava  
 Soffrê-la ja não podia.  
 Mandou sellar seu cavallo  
 Sem cuidar no que fazia;  
 Deitou por esses caminhos  
 Sem saber adonde ia.  
 O cavallo é quem mandava,  
 Cavalleiro obedecia.  
 Passou por terras e terras,  
 Nenhuma não conhecia.

2 Mas o pae d'aquella môça  
 Por melhor conselho havia  
 Casá-la com um mercador  
 Que áquellas partes vivia.— *Alentejo*.

3 Dom João quando isto ouviu  
 Fóra da terra se ia;  
 Por lá estivera tres mezes  
 Que soffrê-los não podia.— *Extremadura*.



A' sua tinha chegado,  
 Onde estava não sabia.  
 Era por manhan de maio,  
 'Todo o campo florescia,  
 Os passarinhos cantavam,  
 O prado verde surria;  
 Lá de dentro da cidade  
 Um triste clamor se ouvia  
 Eram sinos a dobrar,  
 E era toda a clerezia,  
 Eram nobres, era povo  
 Que da egreja sahia...  
 Entrou de portas a dentro,  
 De rua em rua seguia,  
 Chegou á de sua dama<sup>4</sup>,  
 Essa sim que a conhecia.  
 As casas onde morava,  
 Janellas aonde a via,  
 'Tudo é cuberto de preto,  
 Mais preto que ser podia<sup>5</sup>.  
 Mandou chamar uma d na<sup>6</sup>  
 Que ella comsigo trazia:

4 Veio-se a passeiar

Á rua de sua amiga.— *Alentejo*.

5 Do mais preto que havia.— *Extremadura*.

6 Mandou chamar uma dama,

Por Deus e á cortezia:

—'Dize-me tu por quem trazes

Ausencias tam doloridas.— *Alentejo*.

—‘Dizei-me por Deus, senhora,  
 Dizei-me por cortezia,  
 Esse lutto tam pesado  
 Por quem trazeis, que sería?’  
 —‘Trago-o por minha senhora,  
 Dona Guimar de Mexia <sup>7</sup>,  
 Que é com Deus a sua alma,  
 Seu corpo na terra fria.  
 E por vós foi, Dom João,  
 Por vosso amor que morria <sup>8</sup>.’  
 Dom João quando isto ouviu <sup>9</sup>  
 Por morto em terra cahia,  
 Mas a dor era tammanha <sup>10</sup>  
 Que á força d’ella vivia.  
 Os seus olhos não choravam,  
 Sua bôcca não se abria.  
 Mirava a gente em redor  
 Para ver o que faria.  
 Vestiu-se todo de preto,  
 Mais preto que ser podia <sup>11</sup>,  
 Foi-se direito á egreja  
 Onde sua dama jazia <sup>12</sup>:  
 —‘Eu te rogo, sacristão,

7 Dona Agueda de Mexia—*Alentejo*.

8 Por vós foi sua partida—*Extremadura*.

9 Palavras não eram dittas—*Extremadura*.

10 Mas a dor era tam forte—*Extremadura*.

11 Do mais preto que havia—*Extremadura*.

12 Onde a sua dama tinha—*Alentejo*.

Por Deus e Sancta Maria,  
 Eu te rogo que me ajudes <sup>13</sup>  
 A erguer ésta campa fria.  
 Alli a viu tam formosa  
 Tal como d'antes, a via;  
 Alli, morta, sepultada,  
 Inda outra egual não havia,  
 Pôs os joelhos em terra,  
 Os braços ao ceo erguia,  
 Jurou a Deus e á sua alma  
 Que mais a não deixaria.  
 Puchou de seu punhal de oiro <sup>14</sup>,  
 Que na cintura trazia,  
 Para a acompanhar na morte  
 Ja que em vida não podia.  
 Mas não quiz a Virgem sancta <sup>15</sup>,  
 A Virgem Sancta Maria,  
 Que assim se perdesse uma alma  
 Que só de amor se perdia.  
 Por juizo alto de Deus  
 Um milagre se fazia:  
 A defuncta a mão dircita

13 Que me ajudes a erguer

A campa de miuha amiga—*Alemtejo*.

14 Puchou por um punhal de oiro

Por lhe fazer companhia—*Alemtejo*.

15 Permittiu a Virgem sancta,

A Virgem Sancta Maria

Que se não perdesse uma alma

Por um preceito que tinha.—*Alemtejo*.

Ao seu amante extendia,  
Seus lindos olhos se abriram,  
A sua bôcca surria;  
Volta a vida que se fôra,  
Com todo o amor que não se ia.  
Seu pae, o foram buscar,  
Que ja estava na agonia;  
Véem amigos, véem parentes,  
Todos em grande alegria.  
Dão graças á Sancta Virgem,  
Cujo milagre seria;  
E a Dom João dão a espôsa,  
Que tam bem a merecia.

XXX

DOM DUARDOS



O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro d'Hespanha, Gil-Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê às cegas, porque poucos abrem os olhos para o ler com attenção, para estudar n'elle, como todos deviam, lingua, costumes, stylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tam verdadeiros, tam caracterizados e sinceros.

O romance heroico ou epico, isto é, o que celebrava grandes feitos e successos nationaes, ou interessantes aventuras de guerras e de amores — que d'elle tomaram depois o appellido de *romanescas*, ou porque não *romancescas*? hoje mais inglezadamente *romanticas* — este que tambem rhymou muitas vezes devotas legendas de sanctos e de

milagres, os passos da historia sagrada de ambos os Testamentos, e até os proprios mysterios do dogma; o romance epico em toda a sua primitiva simpleza foi tambem cultivado por Gil Vicente.

Com elle e com Bernardim-Ribeiro creio que morreu, litterariamente fallando, nos fins do seculo xv, principios do xvi, para resuscitar depois, á primeira trombeta do seiscentismo, como todos os generos populares que por essa reacção resurgiram; mas rebicado e contrafeito, secante de metaphoras, pesado de conceitos, escripto emfim com a penna d'aza da 'Phenix-renascida.'

Quanto elle fôra estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê se de muitos logares de seus dramas. E ali se vê tambem que promiscuamente compunham os nossos trovadores ja no dialecto de Castella, ja no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou solão ora se cantava em uma, ora n'outra linguagem.

Para exemplo e prôva, leia-se com attenção



o dialogo do feiticeiro com a ama de Cismena na scena II de Rubena<sup>1</sup>. Ahi véem citados como portuguezes e em portuguez, apar de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legitimos filhos de Castella e em suas collecções se encontram; de outros nem por ellas ha memorias. Tal é o que começa :

‘Eu me sam Dona Giralda’;

de que não achei outro vestigio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est’outro :

‘Em Paris está Donaldal’;

que vem nos citados romanceiros, pôsto que differentemente escripto.

Tambem no auto dos *Quatro tempos cantam estes ‘até chegar ao presepio,’* manda a rubrica<sup>2</sup>, *uma cantiga franceza que diz :*

‘Ai de la noble  
Villa de Paris !

E’ claro que este é um romance; e romance

<sup>1</sup> *Gil-Vicente*, edição de Hamburgo, 1834, tom. II, pag. 27

<sup>2</sup> *Ibid.* tom. I pag. 92.

conhecido, e que não era castelhano nem portuguez, mas francez. E d'aquí se deprehende tambem uma coisa que muitas vezes tenho julgado intrever, e de que tenho quasi uma consciencia íntima, sem ousar dá-la por certa, porque não ha ainda todas as próvas documentaes que se precisam para uma asserção que hade parecer atrevida: e é — que os romances primitivos quasi que eram communs ás linguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente; porque o trovador catalão ou provençal, portuguez, normando ou castelhano pertencia mais á *republica litteraria* e artistica de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão politica do paiz. Cautava-se o romance para lá do Ebro? davam-se ás palavras desinencias mais curtas e contrahidas; dizia-se para cá d'elle? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castella menos era preciso ainda, porque as linguas, ja tam semelhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Apponto isto aqui somente còmo ementa,

para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Ha grande verdade na indicação ; mas até onde ella chega, não sei dizer porora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciencia para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me occorre como curioso. A sciencia fará o seu officio com o tempo. Eu não pretendo a litterato nem a critico, e n'estas coisas menos que em nenhuma. Occupo as minhas horas vagas com estes divertimentos innocentes ; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil-Vicente, na segunda scena — acto, jornada, ou parte II — da *Rubena*, canta a Cismena em portuguez outro principio de romance mui notavel pelo metro pouco usado na nossa lingua :

'Grandes ban los andam na côrte,  
Traga-me Deus meu bonamore.'

Muitas outras próvas achará alli o leitor curioso de que este genero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil-Vicente ; e assim o mostra o romance dos *Pa-*

*dres no Limbo* no auto da 'Historia de Deus', o da *Barca dos Anjos* no auto do 'Purgatorio', o da *Infanta* no auto das 'Côrtes de Jupiter', e muitos outros dispersos por suas obras dramaticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compôs, um á morte d'elrei Dom Manuel, outro á acclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de Dom Duardos que vem no fim da tragicomedia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo titulo. Em castelhano foi escripta a tragicomedia, e em castelhano alli vem o romance: na colleção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, apparece em portuguez com declaração de se encontrar assim n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo do poeta. Eu dou-o em ambas as linguas. É pôsto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romances como proprio, fica assim evidente o ser elle de fábrica portugueza e do nosso Gil-Vicente, quer primitivamente o composesse elle na nossa lingua, quer na d'elles.

Eisaqui o que, no fim da tragicomedia, diz Artada, antes de cantar o romance:

'Por memoria de tal trance  
Y tam terrible partida  
Venturosa,  
Cantemos nuevo romance  
A la nueva despedida  
Peligrosa.'

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando-se para elrei — não o rei da comedia, mas o rei portuguez Dom João III em cuja côrte e presença ella se representava:

'Lo mismo iremos cantando  
Por esa mar adelante,  
A' las sirenas rogando;  
Y Vuestra Alteza mandando:  
Que en la mar siempre se cante.'

Era pois povo o romance, por seu o dava Gil-Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a elrei seu amo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e acceitar como seu.

A lição portugueza de Oliveira differe al-

gum tanto da castelhana de Gil-Vicente; e ésta não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duram e no TESORO de Ochoa.

Juntam se aqui todas tres, paraque as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, tôrno a dizer, suscito, não resolvo.

## DOM DUARDOS <sup>1</sup>

Era pelo mez de Abril,  
De Maio antes um dia,  
Quando lyrios e rosas  
Mostram mais sua alegria ;  
Era a noite mais serena  
Que fazer no ceo podia,  
Quando a formosa infanta,  
Flérída ja se partia ;  
E na horta de seu padre  
Entre as arvores dizia :  
—‘Com Deus vos ficade, flores,  
Que ereis a minha alegria !

<sup>1</sup> Lição portugueza, segundo *Oliveira*.

Vou-me a terras estrangeiras  
Pois lá ventura me guia;  
E se meu pae me buscare,  
Pae que tanto me queria,  
Digam lhe, que amor me leva,  
Que eu por vontade não ia;  
Mas tanto atimou commigo  
Que me venceu co'a porfia.  
Triste, não sei onde vou,  
E ninguem não m'o dizia!...'  
Alli falla Dom Duarte os:  
—'Não choreis, minha alegria,  
Que nos reinos de Inglaterra  
Mais claras aguas havia,  
E mais formosos jardins,  
E flores de mais valia.  
Tereis trezentas donzellas  
De alta genealogia;  
De prata são os palacios  
Para vossa senhoria;  
De esmeraldas e jacynthos  
E oiro fino de Turquia,  
Com lettreiros esmaltados,  
Que a minha vida se lia,  
Contando das vivas dores  
Que me déstes n'esse dia  
Quando com Primalião  
Fortemente combatia:  
Mattastes-me vós, senhora,



Que eu a elle o não temia...'  
Suas lagrymas inchugava  
Flérida que isto ouvia.  
Ja se foram ás galeras  
Que Dom Duardos haviu.  
Cinquenta eram por conta,  
Todas vão em companhia.  
Ao som do doce remar  
A princeza adormecia  
Nos braços de Dom Duardos,  
Que tam bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos  
Sentença que não varia:  
Contra a morte e contra amor  
Que ninguem não tem valia.

## I

VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE<sup>1</sup>

En el mes era de Abril,  
 De Mayo antes un día,  
 Cuando 'irios y rosas  
 Muestran mas su alegría.  
 En la noche mas serena  
 Quel el cielo hacer podia,  
 Cuando la hermosa infanta  
 Flèrida ya se partia :  
 En la huerta de su padre  
 A los árboles decia :  
 —'Quedaos adios, mis flores,  
 Mi gloria que ser solia :  
 Voyme á tierras estrangeras  
 Pues ventura alla me guia.  
 Si mi padre me buscare  
 Que grande bien me queria  
 Digan que amor me lleba  
 Que no fué la culpa mia :  
 Tal tema tomó conmigo  
 Que me venció su porfia.  
 Triste nó seadó vó.  
 Ni nadie me lo decia.'  
 Allí habia Dou Duardos :  
 —'No lloreis mi alegría,  
 Qua en los reinos de Inglaterra  
 Mas claras aguas habia,  
 Y mas hermosos jardines  
 Y vuesos, señora mia.

1 Obras de *Gil-Vicente*, ed. de Hamburgo 1834. T. II, p. 249.

Tercias trecientas doncellas  
De alta genealogía;  
De plata son los palacios  
Para vuestra señoría,  
De esmeraldas y jacintos,  
De oro fino de Turquía  
Con lettereros esmaltados  
Que cuentan la vida mía,  
Cuentan los vivos dolores  
Que me distes aquel día  
Cuando con Primaleon  
Fuertemente combatía:  
Señora vos me matasteis,  
Que yo a él no lo temía.  
Sus lágrimas consolaba  
Flérida qu'esto oía;  
Fueron-se a las galeras  
Que Don Duardos tenía.  
Cincuenta eran por cuenta,  
Todas van en compañía.  
Al son de sus dulces remos  
La princesa se adormía  
En brazos de Don Duardos  
Que bien le pertenecía.  
Sepan cuantos son nacidos  
Aquesta sentencia mía:  
Que contra la muerte y amor  
Nadie no tiene valía.

## II

VERSÃO CASTELHANA DE DURAN<sup>1</sup>

En el mes era de Abril,  
 De Mayo antes un dia,  
 Quando los lirios y rosas  
 Muestran mas su alegria,  
 En la noche mas serena,  
 Qu'el cielo hacer podria,  
 Cuando la hermosa infanta  
 Flérlda ya se partia;  
 En la huerta de su padre  
 A los árboles deca :  
 —'Jamás en quanto viviere  
 Os verá tan solo un dia,  
 Ni cantar los ruiseñores  
 En los ramos melodia.  
 Quédate á Dios, agua clara,  
 Quédate á Dios, agua fria,  
 Y quedad con Dios, mis flores,  
 Mi gloria que ser solia.  
 Voime á las tierras estrañas,  
 Pues ventura allá me guia,  
 Si mi padre me buscáre,  
 Que grande bien me queria,  
 Digan que el amor me lleva,  
 Que no fué la culpa mia.  
 Tal tema tomó conmigo,  
 Que me forzó su porfia.  
 Triste nó sé donde voy  
 Ni nadie me lo decia.'

<sup>1</sup> *Romanceiro geral*, Part 1.

Allí habló Don Duardos:  
—'No lloreis mas, mi alegría,  
Que en los reinos de Inglaterra  
Mas claras aguas habia,  
Y mas hermosos jardines,  
Y vuestros, señora mia.  
Terneis trescientas doncellas  
Me al'a genealogía:  
De plata son los palacios  
Para vuestra señoria;  
D'esmeraldas y jaciutos  
Toda la tapeçaria;  
Las camaras ladrilladas  
D'oro fino de Turquía,  
Com letreros esmaltados  
Que cuentan la vida mia,  
Contando vivos dolores  
Que me diéate des un dia  
Quando com Premaleon  
Fuertemente combatia.  
Señora, vós me matastes,  
Que yo a el no lo temia.'  
Sus lagrimas consolaba  
Flérída qu'esto oia,  
Y fueron-se á las galeas,  
Que Don Duardos habia:  
Cinquenta eran por todas,  
Todas van en compañía.  
Al son de sus dulces remos  
La Infanta se adormecía  
En brazos de Don Duardos,  
Que bien le pertenecía.  
Sepan enautos son nacidos  
Aquesta sentencia mia:  
Que contra muerte y amor  
Nadie no tiene valia.



XXXI

A AMA





Bernardim-Ribeiro foi natural da villa do Torrão no Alemtejo, vivia por fins do xiv, principios do xv seculo; era moço fidalgo d'elrei Dom Manuel e servia no paço, onde a belleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro 'Macias namorado.' Ainda não estava tam longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem infado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: ha toda a razão de crer que foi ouvido com sympathia e indulgencia.

Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo elle diz :

‘Que para mais esperar  
Nunca me deram logar.’

E ésta deve de ser a verdade ; ou elle, de fino amante, no’la occultou : em qualquer dos casos devemos crê-lo sôbre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Saboia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520<sup>1</sup>; e em Agosto seguinte partiu para Italia. As ‘Saudades’<sup>2</sup> do seu amante ficaram eternizadas no mysterioso livro que com esse titulo compôs. D’elle se extrahiu este romance, propriamente solão. Tudo aqui é contado e ditto por um modo de enigmas e allegorias inteiramente inexplicaveis para quem ignorasse os mysteriosos amores do trovador e da princeza. Tam sincero — e amiude grosseiro a podêr de sincero — é o modo de dizer dos antigos menestreis, quanto este é

<sup>1</sup> Garcia de Rezende, *vida da infanta*, etc.

<sup>2</sup> *Saudades*. de *Bernardim-Ribeiro*. Lisboa 1795.

delicado por demais, e a força de o ser, obscuro.

O argumento simplíssimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua camera. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe ésta um 'cantar' a modo de 'soláo' em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O stylo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquelle perfume de bonina selvagem que só se encontra pelas vezes incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, ja se conhece arte no formar do ramallete. Ja não são as notas desgarradas, e asperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonez que que tiniam á dureza de ferro dos descendentes de Pelayo. Ja por aqui andam *modos* de trovador proençal. A melodia porêm ainda é puramente

romantica ; as harmonias é que presentem fôrmas mais classicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo á difficil e dura lei das complicadas rhymas proençaes. Ha mais aiuda ; ha uma perfeição no *numero* dos rhytmos que adivinha ja as doçuras italianas. E' o trovador do seculo xv dando a mão ao poeta do seculo xvi. O que predomina todavia é o modo provençal ; e este é, repitto, um legitimo solão.

## A AMA

Pençando-vos <sup>1</sup> estou filha,  
Vossa mãe me está lembrando;  
Enchem-se-me os olhos d'agua,  
N'ella vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágoa;  
Pera bem inda vos seja!  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento  
Nenhuma alegria ouvistes;  
Vossa mãe era finada,  
- Nós outros eramos tristes.

<sup>1</sup> No sentido de dar o penço á criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

Nada <sup>2</sup> em dor, em dor criada,  
Não sei onde isto hade ir ter:  
Vejo-vos, filha, formosa,  
Com olhos verdes crescer.

Não era ésta graça vossa  
Pera nascer em destêro :  
Mal haja a desventura  
Que pôs mais n'isto que o êrro !

Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, e a mágoa a nós !  
Não ereis vós, filha, não,  
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,  
Nem se consentem rogar ;  
De vosso pae hei mor dó,  
Que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem ninguem ;  
Não foreis vós se eu não fôra :  
Não sei se fiz mal se bem.

Mas não póde ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,

Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes.

Confôrto, mas duvidoso,  
Me é este que tómo assi!  
Deus vos dê melhor ventura  
Do que tivestes téaqui.

A Dita e a Fermosura,  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia,  
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão <sup>3</sup> que é phantasia :  
Eu, que vi tempos e annos,  
Nenhuma coisa duvido  
Como ella é azo de damnos <sup>4</sup>.

Nem nenhũm mal não é crido,  
O bem so é esperado :  
E na crença e na esperança,  
Em ambas ha hi cuidado,  
Em ambas ha hi mudança.

J 'Fem para si.

De nenhuma coisa duvido, que seja azo de damnos.





XXXII

AVALOR



Este, que é verdadeiro romance na fórma assim como no stylo, parece ter sido feito á partida da infanta para Saboia, ou talvez por occasião da viagem que Bernardim Ribeiro alli fez para a ver.

Fôsse como ou quando fôsse, elle é admiravel. Ha menos artificio metrico, não menos belleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O stylo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastissimas collecções castelhanas não ha nada tam bello de elegante simplicidade. Ja se vê que não faço a comparação no genero heroico ou historico digo-o dos romances de amor e aventura.



## AVALOR

Pela ribeira de um rio  
Que leva as aguas ao mar,  
Vai o triste de Avalor,  
Não sabe se hade tornar.  
As aguas levam seu bem,  
Elle leva o seu pesar;  
E so vai, sem companhia,  
Que os seus fôra elle leixar ;  
1 Ca quem não leva descanso  
Descança em só caminhar.  
Descontra d'onde ia a barca,  
Se ia o sol a baixar;  
Indo se abaixando o sol,  
Escurecia-se o ar ;

1 Que, pois que.

Tudo se fazia triste  
 Quanto havia de ficar.  
 Da barca levantam remos,  
 E ao som do remar  
 Começaram os remeiros  
 Da barca este cantar :  
 —‘Que frias eram as aguas !  
 Quem as haverá de passar ?’  
 Dos outros barcos respondem :  
 —‘Quem as haverá de passar ?’  
 Frias são as aguas, frias,  
 Ninguém n’as póde passar ;  
 Senão quem pôs a vontade  
 Donde a não póde tirar.  
 2 Tra’la barca lhe vão olhos  
 Quanto o dia dá logar :  
 Não durou muito, que o bem  
 Não póde muito durar.  
 Vendo o sol pôsto contr’elle 3,  
 Não teve mais que pensar ;  
 Soltou redeas ao cavallo  
 Á beira do rio a andar.  
 A noite era callada  
 Pera mais o magoar,  
 Que ao compasso dos remos  
 Era o seu suspirar.

2 Trás a, após a.

3 Defronte d’elle.

Querer contar suas mágoas  
Seria areias contar;  
Quanto mais ia alongando,  
Se ia alongando o soar.  
Dos seus ouvidos aos olhos  
A tristeza foi egualar;  
Assi como ia a cavallo  
Foi pela agua dentro entrar.  
E dando um longo suspiro  
Ouvia longe fallar:  
Onde mágoas levam olhos,  
Vão tambem corpo levar.  
Mas indo assi por acêrto,  
Foi c'um barco n'agua dar  
Que estava amarrado á terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou assi como ia, dentro,  
E foi a amarra cortar:  
A corrente e a marc  
Acertaram n'o a ajudar.  
Não sabem mais que foi d'elle,  
Nem novas se pódem achar:  
Suspeitaram que foi morto,  
Mas não é pera affirmar:  
Que o imbarcou ventura,  
Pera so isso aguardar.  
Mas mais são as mágoas do mar  
Do que se podem curar.





XXXIII

CUIDADO E DESEJO



Todo este soláo — e creio que propriamente este é tambem um verdadeiro soláo — todo elle é allegorico dos mysteriosos amores do ‘poeta das saudades.’

Bernardim-Ribeiro vaga triste e solitario pelas margens de um rio escuro e cuberto de arvoredos. Apparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho incanecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo cuberto de dô; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o hade esquecer. Some-se a visáo; e elle caminha rio abaixo, até dar ‘antre uns medonhos penedos’ (se será Cintra?) onde a *Phantasia* lhe apresenta sua triste *Lembrança* na figurá de uma bella mulher de ‘loiros cabellos e olhos verdes,’ cuberta de

um negro manto. E' Beatriz que elle ama, que o adora e que não pôde ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bemaventurada; e de um 'alto oiteiro' lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lh'a tinham levado?) — 'Bernardim-Ribeiro, olha onde estás.'

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quam baixo o tinha pôsto a sorte para se atrever a tanto. — O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a elle que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Saboia? Não vem inserto nas SAUDADES, como o antecedente, da Ama, e o subsequente de Avalor: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim-Ribeiro, que no mysterioso livro de cavallarias, ora se disfarça em anagrammas de suas proprias lettras, ora sob as de outros se desfigura, para confundir e inredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome po-

rêm da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôs a ser deciphrado pela mais remota inducção. N'este romance não ha nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu, assim podem ser Maria, Antonia, como Joanna, etc. Em nenhum ha lettras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do stylo, é o mesmo da peça precedente. As bellezas são infinitas; nenhum poeta portuguez escreveu tanto com o sangue de seu coração.



## CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira  
Que vai pelo pé da serra,  
Aonde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor,  
Ne levou a minha dor :  
Ja era tarde do dia,  
E a agua d'ella corria  
Por antre um alto arvoredó,  
Onde ás vezes ia quedo  
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,  
Quando começam as aves  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso.

Ao ruído saudoso  
Das águas cantavam ellas:  
Todas as minhas querellas  
Se me puseram deante;  
Alli morrer quizera ante  
Que ver por onde passei.  
Mas eu que digo--passei!  
Antes inda heide passar,  
Em quanto hi houver pezar,  
Que sempre o hi hade haver.

As águas, que de correr  
Não cessavam um momento,  
Me trouxera' ao pensamento  
Que assim eram minhas mágoas,  
D'onde sempre correm águas  
Por estes olhos mesquinhos,  
Que têm abertos caminhos  
Pelo meio do meu rosto.  
E já não tenho outro gosto  
Na grande desdita minha.  
O que eu cuidava que tinha  
Foi-se me assim não sei como,  
D'onde eu certa crença tómo  
Que, para me deixar, veio.

Mas, tendo-me assi alheio  
De mi o que alli cuidava,  
Da banda d'onde água estava



Vi um homem todo cam <sup>1</sup>,  
Que lhe dava pelo cham  
A barba e o cabello.  
Ficando eu pasmado d'ello,  
Olhando elle para mi,  
Fallou-me e disse-me assi:  
—‘Tambem vai esta agua ao Tejo’

N'isto olhei, vi meu l'esejo  
Estar de trás triste e só,  
Todo cuberto de dó,  
Chorando sem dizer nada,  
A cara em sangue lavada,  
Na bôcca posta ãa mão,  
Como que a grande paixão,  
Sua falla lhe tolhia.

E o velho que tudo via,  
Vendo-me tambem chorar  
Começou a assi fallar:  
—‘Eu mesmo são <sup>2</sup> teu Cuidado  
Que n'outra terra criado,  
N'esta primeiro nasci.  
E ess'outro que está aqui  
É o teu Desejo triste ;  
Que má hora o tu viste

1 Ineannecido, de cabello branco.

2 Sou,

Pois nunca te esquecerá !  
A terra e mar passará  
Trespassando a mágoa a ti.'

Quando lhe eu aquisto ouvi,  
Soltei suspiros ao chôro ;  
Alli clarante o fôro  
Meus olhos tristes pagaram  
De um bem só que elles olharam,  
Que outro nunca mais tiveram.  
Nem o tive, nem m'ô deram,  
Nem o esperei sómente :  
De só ver fui tam contente,  
Que pera mais esperar  
Nunca me deram logar.

E n'aquisto, triste estando  
Com os olhos tristes olhando  
D'aquellas bandas d'alêm,  
Olhei e não vi ninguem.  
Dei então a caminhar  
Rio abaixo, até chegar  
A cêrca de Montemór.

Com meus males de redor,  
Da banda do meio-dia,  
Alli minha Phantasia,  
D'antre uns medrosos pênedos,  
Onde aves que fazem medos

De noite os dias vão ter,  
Me sahiu a receber  
Com ũa mulher pelo braço,  
Que, ao parecer de cansaço  
Não podia ter-se em si,  
Dizendo:--'Vês, triste, aqui  
A triste Lembrança tua.'  
Minha vista então na sua  
Pus, d'ella todo me enchi :  
A prima coisa que vi  
E a derradeira tambem,  
Que no mundo vão e vem !

Seus olhos verdes rasgados  
De lagrymas carregados,  
Logo em vendo-os, pareciam  
Que de lagrymas enchiam  
Contino as suas faces,  
Que eram, gran' tempo, paces<sup>3</sup>  
Antrô mi e meus cuidados.

Loiros cabellos ondados  
Um negro manto cubria :  
Na tristeza parecia  
Que lhe convinha morrer.  
Os seus olhos de me ver,  
Como furtados, tirou,

Depois em cheio me olhou.  
Seus alvos peitos rasgando  
Em voz alta se aqueixando,  
Disse assi mui só sentida :  
— ‘Pois que mor dor ha na vida  
Para que houve ahi morrer ?’  
Callou-se sem mais dizer.  
Eu de mi gemidos dando,  
Fui-me para ella chorando  
Para a haver de consolar . . .

N’isto pôs-se o sol ao mar,  
E fez-se noite escura,  
E disse mal á ventura  
E á vida, que não morri. . .  
E muito longe d’alli,  
Ouvi de um alto oiteiro  
Chamar:— ‘Bernardim-Ribeiro !’  
E dizer:— ‘olha onde estás !’  
Olhei de ante e de traz  
E vi tudo escuridão,  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais os abri,  
Que depois que a perdi  
Nunca vi tam grande bem.  
Porêm inda mal, porêm !

XXXIV

O CORDÃO DE OIRO



Não parece ésta uma d'aquellas *verdes* anedotas que a prosa de Bocacio e os versos de Lafontaine immortalizaram? O *stylo* é menos licencioso, porque, sincera e nua ás vezes, comtudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hypocrisia que por maliciosa se cobre. Comtudo os dois ultimos versos são um verdadeiro remate de epigramma que faria honra a um poeta da eschola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portuguezes, só D. Francisco Manuel de Mello ou Nicolau Tolentino os faria tam naturaes e tam picantes ao mesmo tempo.





## O CORDÃO DE OIRO

Lá se vae o capitão  
C'os seus soldados á guerra:  
Duzentos eram quintados,  
Eram duzentos de leva <sup>1</sup>.  
Se todos elles vão tristes,  
Um mais que todos o era ;  
Baixa trás a sua espada,  
Seus olhos postos em terra.  
Lá no meio do caminho  
O capitão lhe dissera :  
—'Porque vais triste, soldado,  
Essa paixão por quem era ?'

1 Duzentos quintados eram — *Tras-os-montes*

—'Não é por pae nem por mãe,  
Nem por irman que eu tivera<sup>2</sup>,  
É pela espôsa que deixo  
Lá tam só na minha terra.  
Este cordão de oiro fino,  
Que sette arrateis bem pésa,  
Mais me pésa a mim levá-lo,  
Que ao partir lh'o não dera !'  
—'Soldado, tens sette dias  
Para que voltes a vê-la.  
Se a encontrares chorando,  
Ficas sette annos com ella :  
Senão, nem mais uma hora  
Terás de aguardo ou de espera.'  
Quem saltava de contente  
O meu soldadito era.

Deixou estrada direita,  
Por atalhos se mettêra ;  
Inda não é meia-noite,  
Á sua porta batêra.  
—'Quem bate á minha porta,  
Quem bate com tanta pressa ?  
—'E' um soldado, senhora,  
Que vos traz novas da guerra.'  
—'Mal haja a nova que trás,  
E mais quem veio trazê-la !

<sup>2</sup> Nem por minha irman mais velha — *Tras-os-montes*.

Ergue-te tu, minha vida,  
Assoma-te a essa janella ;  
Despede-me esse soldado  
Que a tam má hora aqui chega.  
—‘Amigo, vindes errado  
Co’as vossas novas da guerra:  
Deixae-nos dormir em paz,  
Que bem precisamos d’ella.’

Foi-se d’alli o soldado  
Mais prômpto do que viera:  
—‘Bem haja o meu capitão  
Pelo bem que me fizera !  
Com sette dias de aguardo . . .  
Nem sette horas carecêra  
Para me quitar saudades,  
Livrar-me de toda a pena !  
Tomae lá meu capitão  
Os mimos da minha terra ;  
Este cordão de oiro fino,  
Que agora inda mais me pésa.  
Minha mulher não precisa,  
Que os primos podem mantê-la.’  
—‘Pois tua mulher tem primos,  
E tu vinhas com dó d’ella ! . . .’



XXXV

O CEGO



Ha duas balladas escriptas em dialecto escocoz por elrei James V de Escocia, que ambas se parecem muito com ésta. Uma especialmente, '*The Gaberlunzie man*,' até no metro e nas fôrmas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim :

The pauky auld carle come ovir the lee  
wi' mony good-eens and days to mee,  
Saying: Goodwife, for zour courtesie,  
Will ze lodge a silly poor man? 1

O rei James, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de Dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeas ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus proprios

1 Percy's *Reliques of ancient english poetry*, Series II, book I.  
10.

feitos, celebrava-os depois em gallantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do genero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admittiu o bispo Percy na sua collecção, talvez tenha ainda mais merito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real ballada é pôrêm todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes que são mais poeticos e mais interessantes na composição portugueza.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarchia fallou de amores a uma donzella de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por accôrdo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se appresenta este por noite à porta da velha com sua caramunha. A mãe dorme; e Anninhas, que responde ao cego, parece fazê-lo ou com ironia ou em pique de ciumes, e por nenhum modo lhe quer abrir 'porta ou postigo.'

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena



se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando ésta condoida lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. E' a propria velha, coitada, a que diz á filha que lh'o va insinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porém a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquella tam perdoavel hypocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, apparece um tropel de cavalleiros: é a comitiva do nosso rei incuberto, principe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigão! A cavallo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzella sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso ditto, conclue a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho!

Tal é o argumento da cantiga portugueza muito mais romanesco do que o das escocezas, pôsto que seja o mesmo o fundo da anecdotia.

Não duvido suppor que talvez de Glasgow ou de Aberdeen trouxessem os nossos mareantes ésta historia, e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar, Não lh'o pagariamos so em vinho e frutta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias d'aquelle mesmo genero para lá temos exportado bastante.

A fôrma metrica é a do romance de Sancta Iria. O texto foi restituído com difficuldade, porque ésta fôrma se presta ainda mais á corrupção do que a outra, desafiando o prolifico talento dos nossos trovadores de aldea a bordar seus pretenciosos floripondios sôbre a singela telagarsa do original.

Vão por ementa, appontadas algumas variantes menos absurdas.

## O CEGO

—‘Abre a porta, Anna, abre de mansinho <sup>1</sup>,  
Que venho ferido, morto do caminho.’

—‘Se vindes ferido, pobre coitadinho!  
Ireis muito embora por outro caminho.’

—‘Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,  
Que tam cego venho, não vejo o caminho.’

—‘Porta nem postigo não abro ao ceguinho,  
Va-se na má hora pelo mau caminho.’

—‘Ai do pobre cego que anda sosinho  
Cantando e pedindo por esse caminho!’

Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho <sup>2</sup>  
Como canta o cego que perdeu o caminho.’

1 —‘Abre a porta, Anna, abre o teu postigo,  
Da-me um leuço, amores, que venho ferido.’

—‘Se vindes ferido, vinde muito embora,  
Porque minha porta não se abre agora.’—*Extremadura.*

2 —‘Minha mãe acorde do doce dormir,  
Venha ouvir o cego cantar e pedir.’—*Extremadura.*

—‘Se elle canta e pede, da-lhe pão e vinho;  
E o pobre cego que va o seu caminho.’

—‘O teu pão não quero, não quero o teu vinho,  
Quero só que Anninhas<sup>3</sup> me insine o caminho.’

—‘Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,  
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.’

—‘Espiou-se a roca, acabou-se o linho,  
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.’

—‘Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho,  
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.’

—‘Ai! arreda, arreda para este altinho,  
Que ahi véem cavalleiros por esse caminho.’

—‘Se véem cavalleiros, véem de vagarinho,  
Que ha muito me tardam por este caminho.’

A cavallaria passou de mansinho...

Cego, lo meu cego ja via o caminho<sup>4</sup>...

Montou-me a cavallo com muito carinho...

Um cego me leva... e vejo o caminho!

3 Diminutivo minhoto de Anna

4 Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. ‘Filho, lo meu fi’ho; madre, la mi’ madre etc.’ occorre em muitas cantigas populares, romances e semelhantes. São reliquias de antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizeram os nossos vizinhos de Galliza. Tem sido tenaz n’estes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva dos hyatos que tanto lhe repugnam.

XXXVI

LINDA-A-PASTORA



Quem desce Tejo abaixo, por ésta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belem, a sua tórre não menos bella, entra no fashionavel Pedroços e d'ahi segue ás praias do Dafundo até á Cruz quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pôde dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra De fins de Agosto a principios de Novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povoam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porêm o bom gôsto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se

abalauçar em Maio ou Junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que hade ser pago de sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas. A' esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pesca-rejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa ve-getação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companha pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. A' direita nas eminencias, as ruinas picturescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto incastoadado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vai todo o mundo, ja não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, árvores



sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Ja me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando à ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em deredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Árvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodizio. E lá, em prespectiva, no fundo do quadro, uma aldea de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas

em soccalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas, de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiras, jardinzitos quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tam perto de uma grande capital.

O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Tem-me jurado antiquarios de 'meia-tijella' que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas enquanto não achar algum de 'tijella inteira' que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa — heide chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sitio por modo, que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sitio que a Sr.<sup>a</sup> Francisca, lavadeira bem co-

nhecida do logar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de 'Pastorinha;' aqui era justo e natural que se lhe dêsse o de Linda-a-Pastora', que assentei conservar-lhe.

Na fôrma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastourella do genero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principaes.



## LINDA-A-PASTORA

—‘Linda pastorinha, que fazeis aqui?’

--‘Procuro o meu gado que por ahí perdi.’

—‘Tam gentil senhora a guardar o gado!’

—‘Senhor, ja nascemos para esse fado.’

—‘Por éstas montanhas em tam grande p’rigo!’

Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.’

—‘Um senhor tam guapo dar tam mau conselho <sup>1</sup>

Querer que se perca o gado alheio!’

--‘Não tenha esse medo que o gado se perca <sup>2</sup>

Por aqui passarmos uma hora de sésta.’

1 Não deve ser nobre quem dá tal conselho--*Minho, Beira-haixa.*

2 Eu não digo isso, que o gado se perca,  
Mas que lescancemos uma hora de sésta--*Beiralta, Estremadura.*

—‘Tal razão como essa não n’a ouvirei <sup>3</sup>;  
 Ja dirão meus amos que de mais tardei.’

—‘Diga-lhe, menina, que se demorou  
 Co’esta nuvem de agua que tudo molhou.’

--‘Fallarei verdade, que mentir não sei:  
 A’ volta do gado eu me descuidei.’

—‘Pastorinha, escute, bue oiço ballar gado . . .’

--‘Serão as ovelhas que me tem faltado.’

—‘Eu lh’as vou buscar ja muito depressa,  
 Mas que me espedace por essa charneca.’

—‘Ai como vai grave de meias de seda!  
 Olhe não as rompa por essa resteva <sup>4</sup>.’

—‘Meias e sapatos <sup>5</sup>, tudo romperei <sup>6</sup>  
 So por lhe dar gôsto, minha alma, meu bem.’

—‘Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.’

--‘Meu destino foi ser vosso criado.’

—‘Senhor, va-se embora, não me dê mais pena,

—‘Que hade vir meu amo trazer me a merenda.’

—‘Se vier seu amo, venha muito embora;  
 Diremos, menina, que cheguei agora.’

—‘Senhor, va-se, va se, não me dê tormento:  
 Ja não quero vê-lo nem por pensamento.’

<sup>3</sup> Que dirão meus amos em que me occupei — *Beiralla*.

<sup>4</sup> Por essas estevas — *Alentejo*.

<sup>5</sup> Meias e vestido — *Ribatejo*.

<sup>6</sup> Romperem — *Coimbra*.

--'Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!  
Fica-te, eu me vou pela serra fóra 7.'

—'Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...  
Que o amor é cego, ja me está rendendo.'  
Sentaram-se á sombra... tudo estava ardendo... 8'  
Quando ellas não querem, então 'stão querendo.

7 Vai guardar teu gado pela serra fóra.—*Beiralta.*

8 Senta-te a esta sombra que está o mundo ardendo.

—'Eu bem não queria, mas estou querendo.'

—'Calla-te, pastora, não digas mais nada.

Que a aposta que eu fiz ja está ganhada.'

—'Senhor, vou sentar-me não por má tenção.

Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.—*Beiralta.*

—'Sente-se a esta sombra, passemos a sêsta,

Ja pouco me importa que o gado se perca.'

Oh gente da casa, accudi ao gado,

Que foge a pastora c'o seu namorado.—*Minho.*





XXXVII

O MARQUEZ DE MANTUA



Ei-lo que se apea de seu classico barban-  
te em que tantos annos cavalgou, e despiñ-  
do o papel-pardo em que o imbrulhavam  
os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem  
o nobre 'Marquez de Mantua, tomar o seu  
logar entre os mais venerandos e antigos  
romances do cyclo de Carlos-Magno. Sua  
nobre origem bem sabida é e bem mani-  
festa: franceza ou provençal. Se foi a lin-  
gua *d'oeit* ou a lingua *d'oc* a primeira que  
fallou, não sei; quando atravessou os Py-  
reneus e veio para nós, certo que era ja  
familiar com ambas. Passou muito tempo  
em Hespanha por ser composição de Jero-  
nymo Treviño<sup>1</sup>; hoje com razão se crê que  
o Treviño não foi senão o editor que em

<sup>1</sup> Pelicer, notas a *Dom Quixote*.

1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso: so da licção portugueza me parece que posso responder que é dos fins do XIV, principios — quando muito — do XIV seculo. E todavia a fôrma em que elle apparece em portuguez não creio que fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ella seja posterior à que teem os nossos vizinhos castelhanos em suas colleções<sup>1</sup>. Aqui é mais dramatico, já mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragedia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos d'esta mesma fôrma ha romances muito mais antigos do que os narrativos. As rúbricas de *aqui falla o marquez*, *agora diz o imperador* etc., não são indisputavel próva de que a composição fôsse para se representar theatralmente.

Sem profundar nenhuma d'estas questões, contento-me de sacar do lixo da 'feira da-la-

<sup>1</sup> *Cancioneiro de romances; Silva de varios romances; floresta de varios; e ultimamente Duran, Romanceiro general, ed. de 1849* 51, tom. 1, pag. 207.

dra, ' ésta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.



## O MARQUEZ DE MANTUA

Na caça andava perdido  
De Mantua o velho marquez,  
E no peito presentido  
O coração traz de envez;  
Mais, não sabe o succedido!  
Farto já de caminhar  
Por tam fragosa montanha,  
Cançado assim sem companhia,  
Sem ter onde repousar  
N'essa terra tam extranha,  
Vendo o mato tam cerrado,  
Assentou de se apear  
E o seu cavallo deixar  
Porque estava de cançado  
Que ja não podia andar:

## FALLA O MARQUEZ

—Fortunosa caça é ésta  
Que a fortuna me ha mostrado,  
Poisque, por ser manifesta  
Minha pena e gran' cuidado,  
Me mostrou ésta floresta.  
Nunca vi tam forte brenha  
Desque me accordo de mi,  
Eu creio que Margasi  
Fez ésta serra Dardenha,  
Estes campos de Methli.  
Quero tocar a bosina  
Por ver se algum me ouvirá;  
Mas cuido que não será,  
Porque minha gran' mofina  
Commigo começou ja.  
Todavia quero ver  
Se mora alguem n'esta serra  
Que me diga d'esta terra  
Cuja é para saber;  
Que quem pergunta não erra.  
Agora vejo-me aqui  
N'esta tam grande espessura,  
Que nem eu me vejo a mi,  
Nem sei de minha ventura,  
Nem menos será cordura.

## DIZ VALDEVINOS

— Oh Virgem minha senhora,  
Madre do rei da verdade,



Por vossa gran' piedade  
Sêde minha intercessora  
Em tanta necessidade.  
Oh summa regina pia,  
Radiante luz phebea,  
Custodia animæ meæ,  
Pois está na terra fria  
A alma de pezar chea,  
Pois es amparo dos teus,  
Consola os desconsolados,  
Rainha dos altos ceos,  
E roga a meu senhor Deos  
Que perdoe meus peccados.

FALLA O MARQUEZ

—Não sei quem ouço gemer  
E chorar de quando em quando:  
Alguem deve de aqui estar...  
Segundo se está queixando,  
Deve ter grande pezar.

FALLA VALDEVINOS

--Domine, memento mei,  
Lembrae-vos de minha alma,  
Pois que sois da glória rei,  
Nascido da flor da palma,  
Remedio de nossa lei.

DIZ O MARQUEZ

—Segundo d'elle se espera,  
Aquelle home anda perdido,

Ou por ventura ferido  
De alguma besta fera.  
Quero ver este mysterio,  
Que a falla me dá ousadia,  
Porque dois em companhia  
Terão grande refrigerio  
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

--Oh minha espôsa e senhora,  
Ja não tereis em podér  
Vosso espôso que assim chora,  
Pois a morte roubadora  
Vos roubou todo o prazer.  
Oh vida do meu viver,  
Resplandecente narciso,  
Gran' pena levo em saber  
Que nunca vos heide ver  
Até o dia de juizo.  
Oh esperança por quem  
Tinha victoria vencida!  
Oh minha glória, meu bem,  
Porque não partis tambem,  
Poisque sois a minha vida?  
Senão fôr vossa vontade  
De haver de mim compaixão,  
Mandae-me meu coração,  
Minha fé e liberdade,  
Que está em vossa prizão.

Madre minha muito amada,  
Qu'ê de o filho que paristes,  
De quem ereis consolada?  
Como se ha tornado nada  
Quanta glória possuistes?  
Ja me não vereis reinar,  
Ja me não dareis conselho,  
Nem eu o posso tomar;  
Que quebrado é o espelho  
Em que vos sabeis olhar.  
Ja nunca me haveis de ver  
Fazer justas e torneios,  
Nem vestir nobres arreios,  
Nem cavalleiros vencer,  
Nem tomar bandos alheios.  
Ja não tomareis prazer  
Quando me virdes armado;  
Ja vos não virão dizer  
A fama de meu podêr,  
Nem louvar-me de esforçado.  
Oh valentes cavalleiros,  
Reinaldos de Montalvão,  
Oh esforçado Roldão,  
Oh marquez Dom Oliveiros,  
Dom Ricardo, Dom Dudão,  
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,  
Oh gran' duque de Milão,  
Que é da vossa companhia?  
Duque Maime de Baviera,

Que é de vosso Valdevinos?  
Oh esforçado Guarinos,  
Quem comsigo vos tivera!  
Meu amigo Montesinhos,  
Ja nunca mais vos verei;  
Dom Alonso de Inglaterra,  
Ja nunca acompanharei  
O conde Dirlos na guerra.  
Oh esforçado marquez  
De Mantua, teu senhorio,  
Ja não me poreis arnez,  
Nem me vereis outra vez  
Gozar vosso senhorio.  
Já não quero o vosso estado,  
Ja não quero ser pessoa,  
Nem mandar, nem ter reinado;  
Ja não quero ter coroa,  
Nem quero ser venerado.  
Oh Carlos imperador,  
Senhor de mui alta sorte,  
Como sentireis gran' dor  
Sabendo da minha morte,  
E quem d'ella é causador:  
Bem sei, se sois informado  
Do caso como passou,  
Que serei mui bem vingado,  
Ainda que me mattou  
Vosso filho mui amado.  
Oh principe D. Carloto,

Quem, sendo tam desigual,  
Te moveu a fazer mal  
Em um logar tam remoto  
A teu amigo leal?  
Alto Deus omnipotente,  
Juiz direito sem par,  
Sôbre ésta morte innocente  
Justiça queirais mostrar,  
Pois morro tam cruelmente.  
Oh Madre de Deus benigno,  
E fonte de piedade,  
Arca da Sancta Trindade,  
De donde o Verbo Divino  
Trouxe sua humanidade,  
Oh Sancta Domina mea,  
Oh Virgem gratia plena  
Em que a alma se recrea,  
Dae remedio á minha pena,  
Pois que morro em terra alhea.

## FALLA O MARQUEZ

—Senhor, porque vos queixais?  
Quem vos tratou de tal sorte,  
E quem é o que tal morte  
Vos deu, como publicais,  
Que assás é esta má sorte?  
Não me negueis a verdade,  
Conta-me vosso pezar,  
Que vos prometto ajudar  
Com toda a força e vontade.

DIZ VALDEVINOS

—Muito me agasta, amigo,  
Certamente teu tardar,  
Dize se trazes contigo  
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUEZ

—Eu não sou quem vós cuidais:  
Nunca comi vosso pão,  
Mas vossos gritos e ais  
Me trouxeram aonde estais  
Mui movido a compaixão.  
Dizei-me vossa agonia,  
Que, se remedio tiver,  
Eu vos prometto fazer  
Com que tenhais alegria.

DIZ VALDEVINOS

—Meu senhor, muitas mercês  
Por vossa boa vontade!  
Bem creio que me fareis  
Muito mais do que dizeis,  
Segundo vossa bondade,  
Mas minha dor é mortal,  
Meu remedio so é morte,  
Porque estou parado tal,  
Que nunca homem mortal  
Foi tratado de tal sorte.  
Tenho, senhor, vinte e duas

Feridas todas mortais,  
As intranhas rotas, nuas,  
E passo penas tam cruas,  
Que não poderão ser mais.  
Ha-me morto á traição  
O filho do imperador,  
Carloto, a gran' sem razão,  
Mostrando-me todo o amor,  
Não o tendo no coração.  
Muitas vezes requeria  
Minha espôsa com maldade,  
Mas ella não consentia  
Pelo bem que me queria,  
Por sua grande bondade.  
Carloto com gran' pezar,  
Como mais traidor que forte,  
Ordenou de me matar,  
Cuidando com minha morte  
Com ella haver de casar.  
Mattou-me com gran' falsia,  
Trazendo cinco comsigo,  
Sem eu trazer mais commigo  
Que um pagem por companhia.  
A mim chamam Valdevinos,  
Sou filho de el-rei de Dacia,  
E primo-de elrei de Grecia,  
E do forte Montesinos,  
Que é herdeiro de Dalmacia.  
Dona Hermelinda formosa

Minha madre natural,  
Sibylla minha espôsa  
De graças especial,  
Mas com primores famosa.  
Ésta nova contareis  
À triste de minha madre  
Que em Mantua achareis,  
E ao honrado marqueiz  
Meu tio, irmão de meu padre.

## FALLA O MARQUEZ

—Oh desestrado viver,  
Oh amargosa ventura,  
Oh ventura sem prazer,  
Prazer cheio de tristura,  
Tristura que não tem ser!  
Oh desventurada sorte,  
Oh sorte sem soffrimento,  
Desemparado tormento,  
Muito peor do que a morte,  
Morte de desabrimento!  
Oh meu sobrinho, meu bem,  
Minha esperança perdida,  
Oh gloria que me sustêm,  
Porque vos partis de quem  
Sem vós não terá mais vida?  
Oh desventurado velho,  
Captivo sem liberdade!  
Quem me póde dar conselho,



Pois perdido é o espelho  
De minha gran' claridade!  
Ch minha luz verdadeira,  
Trevas do meu coração,  
Penas de minha paixão,  
Cuidado que me marteira,  
Tristeza de tal traição!  
Porque não quereis fallar  
A este marquez coitado,  
Que tio sohieis chamar?  
Fallae-me, sobrinho amado,  
Não me façais rebentar.

## DIZ VALDEVINOS

—Meu tormento tam molesto  
Me faz não vos conhecer  
Nem na falla, nem no gesto;  
Nem intendo vosso dizer  
Se não for mais manifesto.  
Estou tão posto no fim,  
Que não sei se sou alguém,  
Nem menos conheço a mim;  
Pois quem não conhece a sim,  
Mal conhecerá ninguem.

## DIZ O MARQUEZ

—Como não me conheceis,  
Meu sobrinho Valdevinos?  
Eu sou o triste marquez

Irmão de elrei Dom Salinos,  
Que era o pae que vos fez.  
Eu sou o marquez sem sorte,  
Que devêra rebentar  
Chorando a vossa morte,  
Por com vida não ficar  
N'este mundo sem de porte.  
Oh triste mundo coitado,  
Ninguem deve em ti fiar.  
Pois es tam desventurado,  
Que o tens mais exaltado,  
Mor quéda lhe fazes dar !

## FALLA VALDEVINOS

—Perdoa-me, senhor tio,  
A minha descortezia,  
Que a minha grande agonia  
Me pôs em tanto desvio,  
Que ja vos não conhecia.  
Não me querais mais chorar;  
Deveis de considerar  
Que para isso é o mundo.  
Que dobrais meu mal profundo.  
Para bem é mal passar :  
E bem sabeis que nascemos  
Para ir a ésta jornada,  
E que, quanto mais vivemos,  
Maior offensa fazemos  
A quem nos creou de nada.

Assim que, necessidade  
Não tendes de me chorar,  
Poisque Deus me quiz levar  
No melhor de minha idade  
Para mais me aproveitar.  
Mas o que haveis de fazer,  
E' por minha alma rogar,  
Porque o muito chorar  
Á alma não dá prazer,  
Mas antes mui gran' pezar.  
Quero-vos incommendar  
Minha espôsa e minha madre.  
Poisque não tem outro padre  
Que as haja de amparar,  
Senão vós, como é verdade,  
Mas o que me dá paixão  
Em ésta triste partida,  
E' morrer sem confissão;  
Mas se parto d'esta vida,  
Deus receberá a tenção.

Vem o ermitão e o pagem

DIZ O ERMITÃO

—A paz de Deus sempiterno  
Seja comvosco, irmão!  
Lembrae-vos de sua paixão  
Que, por nos livrar do inferno,  
Padeceu quanto a varão.

## DIZ VALDEVINOS

—Com coisa mais não folgára  
Do que vê lo aqui chegado,  
Padre de Deus enviado,  
Que se um pouco mais tardára,  
Não me achára n'este estado.

## FALLA O PAGEM

—Oh que desestrada sorte,  
Meu senhor Danes Ogeiro!  
Olhae vosso escudo forte,  
Olhae, senhor, vosso herdeiro,  
Em que extremo o pôs a morte!  
Oh desditoso caminho,  
Caça de tanto pezar,  
Que cuidando de caçar,  
A morte a vosso sobrinho  
Vieste, senhor, buscar.

## DIZ O ERMITÃO

—A gran' pressa que trazia  
Não me deu, senhor, logar  
De conhecer nem fallar  
A' vossa gran' senhoria.  
N'este êrro se ha culpa,  
Peço-lhe d'ella perdão,  
Ainda que a discrição  
Sua me dará desculpa.

## FALLA O MARQUEZ

—Rogae a Deus, padre honrado,  
Que me queira dar paciencia;  
Que o perdão é escusado,  
Porque vossa diligencia  
Vos não deixa ser culpado.

## DIZ O ERMITÃO

—O filho de Deus enviado  
Vos mande consolação!  
E pois que aqui sou chegado,  
Quero ouvir de confissão  
Este ferido e angustiado.  
Coisa é mui natural  
A morte a toda a pessoa,  
A todo o mundo em geral,  
Poisque a nenhum perdoa.  
Não a tínhamos por mais,  
Porque o peccado de Adão  
Foi tam fero e de tal sorte,  
Que não só foi perdição:  
Mas Deus, que é salvação,  
Quiz tambem receber morte.  
E por tanto, filho meu,  
Não se deve de espantar  
Da morte que Deus lhe deu.  
Pois em provimento seu  
Lh'a deu para o salvar  
Lembre-lhe sua paixão:

Veja este mundo coitado,  
E não o ingode o malvado,  
Que não dá por galardão  
Senão tristeza e cuidado.  
Em quanto, filho, tem vida,  
Chame a Madre de Deus,  
Aquella que foi nascida  
Sem peccado concebida,  
E coroada nos ceos.  
E'sta foi santificada  
E visitada dos anjos,  
E em corpo e alma levada  
A gloria, onde exaltada  
Lá está sobre os archanjos.  
Assim, que ao Redemptor  
E a ésta Virgem sem par  
Se hade, filho, incommendar  
Depois que aos sanctos for  
Sua vontade chamar.  
As mãos levante aos ceos,  
Faça confissão geral,  
Confessando-se a Deus  
E á virgem celestial  
E a todos os sanctos seus.

DIZ O MARQUEZ

—Oh bonancia abhorrecida,  
Oh desestrada fortuna,  
De prazeres gran' tribuna!

Porque não deseparais  
A quem sois tam importuna?  
Tristeza, desconfiança,  
Porque não desesperais  
A quem não tem confiança?  
Contae-me, pagem Burlor,  
O caso como passou,  
Quem foi aquelle traidor  
Que mattou vosso senhor,  
Ou por que causa o mattou

## FALLA O PAGEM

— Seria mui mal contado  
Se a sua gran' senhoria  
Não contasse o que é passado.  
Eu sei certo que faria  
O que não é esperado  
Contra quem me deu estado,  
E ha feito tantas mercês  
Que nunca meu pae me fez:  
Que é meu senhor amado.  
E mais vós, senhor marquez.  
Estando pois em Paris  
O filho do imperador,  
Mandou chamar meu senhor  
Nos passos da imperatriz:  
Fallaram muito a sabor;  
O que fallaram não sei,  
Se não que logo n'essa hora,

E sem fazer mais demora,  
Com quatro detraz de si  
Foram da cidade fóra,  
Armados secretamente,  
Segundo depois ouvi.  
Partimos todos d'ahi,  
E Dom Carloto presente  
Tambem armado outrosi.  
E tanto que aqui chegaram,  
N'este valle de pezar  
Todos juntos se apearam  
E fizeram-me ficar  
C'os cavallos que deixaram.  
E logo todos entraram  
Em este esquivo logar,  
Onde meu senhor mattaram,  
E depois de o mattar,  
Nos cavallos se tornaram.  
Como eu os vi tornar,  
Sentindo muito tal dor,  
Temendo de lhe fallar,  
Não ousei de perguntar  
Onde estava meu senhor.  
Vendo-os assim caminhar,  
Porque nenhum me fallava,  
Quiz a meu senhor buscar,  
Porque o coração me dava  
Sobresaltos de pezar.  
Não o podia topar



Porque a grande espessura  
E a noite medrosa, escura  
Me fazia não o achar :  
De que tinha gran' tristura.  
Buscando-o com gran' paixão,  
N'aquelle lugar remoto  
O achei d'esta feição.  
Disse-me como á traição  
O mattára Dom Carloto.  
Perguntei porque razão :  
Triste, cheio de agonias,  
Disse-me com afflicção :  
—'Vai-me buscar confissão,  
Ja se acabaram meus dias.'  
Como taes novas ouvi,  
Com grande tribulação  
E pezar de vê-lo assi,  
Me parti logo d'aqui  
A buscar este ermitão.  
Isto é, senhor, o que sei  
D'este caso desastrado,  
Quanto me ha perguntado:  
Outra coisa não direi|  
Mais do que lheí contado.

## DIZ O MARQUEZ

--Quando sua majestade  
Justiça me não fizer  
Com toda a rogaridade.

À força de meu podêr  
Cumprirei minha vontade.

## D'Z O ERMITÃO

—Ja o senhor se ha confessado,  
E fez actos de christão ;  
Morre com tal contricção,  
Que eu estou maravilhado  
De sua gran' discrição.  
Muito não pôde tardar,  
Segundo n'elle senti.  
Acabei de lhe fallar  
Porque lhe quero rezar  
Os psalmos d'elrei David.

## FALLA VALDEVINOS

—Não tomeis, tio, pezar,  
Que me parto de vos ver  
Para nunca mais tornar,  
Pois Deus me manda chamar  
E não posso mais fazer.  
Torno-vos a incommendar  
Minha espôsa e minha mãe,  
Que as queirais consolar  
E ambas as amparar,  
Poisque não têem mais a quem.

## ORAÇÃO DE VALDEVINOS

--Em as tuas mãos, Senhor,  
Incommendo meu espirito;

Poisque es Salvador meu,  
Meu Deus e meu Redemptor,  
Não me falte favor teu :  
Pois, Senhor, me redemiste,  
Como Deus, que es de verdade,  
Senhor de toda a piedade,  
Lembra-te d'esta alma triste  
Cheia de toda a maldade.  
Salve, Senhora benigna,  
Madre de misericordia,  
Pas de nossa gran' discordia,  
Dos peccadores mezinha,  
Vida doce e concordia,  
Spes nostra, a ti invocamos,  
Salva-nos da escura treva.  
A ti, Senhora, chamamos  
Desterrados filhos de Eva,  
A ti virgem, suspiramos,  
A ti gemendo e chorando  
Em aqueste lagrymoso  
Valle sem nenhum repouso,  
Sempre, Virge', a ti chamamos,  
Que es nosso prazer e gôso.  
Ora pois, nossa advogada,  
Amparo da christandade,  
Volve os olhos de piedade  
A mim, Virgem consagrada,  
Poisque es nossa liberdade.  
Dá-me, Senhora, virtude

Contra todos meus imigos;  
Poisque es nossa saúde,  
Eu te rogo que me ajudes  
Nos temores e perigos:  
Roga tu por mim, Senhora,  
Oh Sancta Madre de Deus,  
A quem a minha alma adora,  
Pois es rainha dos ceus  
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos e

DIZ O MARQUEZ

—Oh triste velho coitado,  
Oh cans cheias de tristura!  
Oh doloroso cuidado,  
Oh cuidado sem ventura,  
Sem ventura desestrado!  
Quebrem-se minhas intranhas,  
Rompa se meu coração  
Com minha tribulação.  
Chorem todas as campinas  
Minha grande perdição,  
Scureça-se o sol com dó,  
Caíam estrellas do ceu,  
As trévas de Faraó  
Venham ja sôbre mim só.  
Pois minha luz se perdeu  
Na luz de mui claro dia,  
Claridade sem clareza,

Minha doce companhia,  
Ondê está vossa alegria,  
Que me deixa tal tristeza ?  
Oh velhice desestrada,  
Sem gloria e sem prazer,  
Para que me deixais ter,  
Pois que sendo, não sou nada,  
Nem desejo de viver ?  
Porque não vens, padecer,  
Porque não vindes, tormentos,  
Para que não soffrimentós  
A quem os não quer ja ter,  
Nem busca contentamentos ?  
Paraque quero razão,  
Paraque quero prudencia,  
Nem saber, nem discricão ?  
Paraque é paciencia,  
Pois perdi consolação ?

## DIZ O PAGEM

—Oh meu senhor muito amado,  
Porque vos tornastes pó ?  
Porque me deixastes só  
Em este mundo coitado  
Com tanta tristeza e dó ?  
Leváreis me em companhia,  
Pois sempre vos tive, vivo.  
Oh minha grande alegria,  
Porque me deixais captivo,

Mettido em tanta agonia?  
Meu senhor, minha alegria,  
Dizei porque nos deixais  
Com tanta pena notoria?  
Lembraí-vos, tende memoria  
De quantos desamparais.  
Oh sem ventura Burlor!  
De quem serás amparado,  
De quem terás o favor  
Que tinhas de teu senhor,  
Poisque já te ha faltado?

## FALLA O ERMITÃO

—Não tomeis, filho, pezar,  
Pois claramente sabeis  
Que pelo muito chorar  
Não cobrais o que perdeis.  
Deveis, filho, de cuidar  
Que nossa vida é um vento  
Tam ligeiro de passar,  
Que passa em um momento  
Por nós assim como o ar.  
Quem viu o senhor infante,  
Tam pouco ha, fazer guerra,  
E ser n'ella tam possante,  
E agora em um instante  
Ser tornado escura terra,  
Diria com gran' razão  
Que este mundo coitado

Não dá outro galardão,  
Senão tristeza e paixão,  
Com a vós outros foi dado.  
Olhai a elrei Salomão  
O galardão que deu;  
A Amon e Absalão,  
E ao valente Sansão,  
E ao forte Macabeu.  
Em a Sacra Escriitura  
Muitos mais podia achar  
Se os quizesse contar;  
Mas vossa grande cordura  
Supprirá donde faltar.  
E poisque não tem ja cura  
O mal feito e o passado,  
Cesse a vossa tristura,  
E demos á sepultura  
Este corpo já finado.  
Levemo-lo onde convêm  
Para que seja interrado;  
E póde ser bem guardado  
N'aquella ermida que vêm  
Até ser imbalsemado.

Aqui levam a Valdevinos á ermida. E entra o imperador,  
o conde Ganalão, e

DIZ O IMPERADOR

—Certo, conde Ganalão,  
Muito gran' pêrda perdemos.

Pêza-me no coração,  
Porque na côrte não temos  
Reinaldos de Montalvão,  
Nem o conde Dom Roldão,  
Nem o marquez Oliveiros,  
Nem o duque de Milão,  
Nem o infante Gaifeiros,  
Nem o forte Meredião.

DIZ GANALÃO

—Muito alto imperador,  
Muito estou maravilhado  
Porque mostrais tal favor  
A quem vos ha deshonrado  
Com tanta ira e rigor,  
Que, chamando-se Almansor,  
Com o seu rosto mudado  
Aquelle falso traidor  
Com mui grande deshonra  
Quiz deshonrar vosso estado:  
Porquê, senhor, não sentis  
Que este malvado ladrão  
Vos prendeu de sua mão  
Tomando-vos a Paris  
Com muita grande traição?  
Pondo-vos em Montalvão  
Apezar do vosso imperio,  
Onde com gran' vituperio  
Estivestes em prizão,  
Sem ter nenhum refrigerio?



FALLA O IMPERADOR

— Verdade é isso, cunhado:  
Porém deveis de saber  
Que em Reinaldos me prender  
Eu mesmo sou o culpado:  
Isto bem o podeis crer.  
Se então me quiz offender  
Não é muita maravilha,  
Pois ja me quiz guarnecer  
Mattando elrei Carmeser,  
Que me trouxe a sua fillia.

DIZ GANALÃO

— Vossa real majestade  
Dirá tudo o que quizer,  
Mas eu espero a Beltrão . . .  
Que se conheça a maldade  
De quem se hade conhecer.

Aqui se vai Ganalão; e vêm dois embaixaderes mandados  
pelo marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão  
e duque Amão: e virão vestidos de dô: e

DIZ BELTRÃO

— Gran' Cesar Octaviano,  
Magno, augusto, forte rei,  
Grande imperador romano,  
Amparo da nossa lei,  
Poderosa majestade,  
Senhor de toda a Magança,

Da Gascunha e da França  
Gran' patrão da christandade,  
Esteio de segurança!  
Pois sois senhor dos senhores,  
Imperador dos christãos,  
Somos vossos servidores,  
Amigos leaes e sãos.

## DIZ O IMPERADOR

— Eu me espanto, Dom Beltrão,  
De vos ver d'aquella sorte,  
E a vós, forte duque Amão:  
Não é ésta disposição  
E trajo da nossa côrte.

## FALLA O DUQUE

— Muito mais será espantado  
De nossa triste embaixada,  
E do caso desestrado  
O qual lhe será contado,  
Se seguro nos é dado.

## DIZ O IMPERADOR

— Bem o podeis explicar  
Sem ter medo nem temor.  
Para que é assegurar?  
Pois sabeis que o embaixador  
Tem licença de fallar.

DIZ O DUQUE Á EMBAIXADA

—Quiz, "senhor, nossa moфина  
Que o infante Valdevinos,  
Primo do forte Guarinos,  
Filho da linda Hermelinda  
E do grande rei Salinos,  
Fôsse morto á traição  
Na floresta sem ventura.  
A tam grande desventura  
Haverá quem não procure  
De vingar tal perdição ?

FALLA O IMPERADOR

—E' certa tam gran' maldade,  
Que o sobrinho do marquez  
E' morto, como dizeis ?

DIZ O DUQUE

—Pela maior falsidade  
Que nunca ninguem tal fez.

DIZ O IMPERADOR

—Este caso é desestrado:  
Saibamos como passou  
E quem tam mau feito obrou:  
Que o que tal senhor mattou,  
Merece bem castigado.

FALLA O DUQUE

—Saiba vossa majestade  
Que dez dias póde haver

Que o marquez foi á cidade  
De Mantua com gran' vontade  
A' caça que sohe fazer.  
Andando assim a caçar,  
Da companhia perdido  
Foi por venturá topar  
Com seu sobrinho ferido  
Quasi a ponto de expirar.  
Bem póde considerar  
O gran' pezar que teria  
De se ver sem companhia,  
E a morrer em tal lugar  
A coisa que mais queria.  
Perguntando a razão,  
Sendo d'ella mui ignoto,  
Disse com grande paixão  
Que o mattára á traição  
Vosso filho Dom Carloto.  
A causa que o moveu  
Dar morte tam dolorosa  
A tam grande amigo seu,  
Não foi outra, senhor meu,  
Salvo tomar-lhe a espôsa.  
Mattou-o á falsa fe,  
Indo muito bem armado,  
Com quatro homens de pé.  
Quem matta tam sem porquê  
Merece bem castigado.  
O marquez Danes Ogeiro.

Lhe manda pedir, senhor,  
Justiça mui por inteiro:  
Que ainda que perca herdeiro,  
Elle perde successor.

DIZ DOM BETELÃO

—Não deve deixar passar  
Tam gran' mal sem o prover,  
Porque deve de cuidar  
Se seu filho nos mattar,  
Quem nos deve defender?  
E mais lhe faço saber  
Porque esteja aparelhado,  
Se justiça não fizer,  
Que o marquez tem jurado  
De por armas a fazer.  
O mui valente e temido  
Reinaldo de Montalvão  
Entre todos escolhido  
Está bem apercebido  
Como geral capitão,  
Dom Chrisão e Aguilante  
Com o forte Dom Guarinos,  
E o valente Montesinos,  
Primo do morto infante,  
Primo de elrei Dom Salinos,  
E o mui grande rei Jaião,  
De Dom Reinaldos cunhado,  
E o esforçado Dudão,  
E o gran' duque de Milão,

E Dom Richarte esforçado;  
O marquez Dom Oliveiros,  
E o famoso Durandarte,  
E o infante Dom Gaifeiros,  
E o muito forte Ricardo,  
E outros fortes cavalleiros,  
Todos têm boa vontade  
De ajudar ao marquez  
Em essa necessidade;  
Porque foi gran' crueldade  
A que vosso filho fez  
Evitae, senhor, tal damno,  
Pois que sois juiz sem par;  
Não vos mostreis inhumano,  
Acordae-vos de Trajano  
Em a justiça guardar.  
Assim que, alto, esclarecido,  
Poderoso sem igual,  
O que fez tam grande mal  
Bem merece ser punido  
Por seu mandado imperial.  
E pois, senhor, hei proposto  
A causa porque viemos,  
E sabeis o que queremos,  
Mandae-nos dar a resposta  
Com que ao marquez tornemos.

DIZ O IMPERADOR

— Oh poderoso Senhor,  
Que grande é o vosso mysterio!

Pois para meu vituperio  
Me deste tal successor  
Que deshonrasse este imperio.  
Se o que dizeis é verdade,  
Como creio que será,  
Nunca rei na christandade  
Fez tam grande crueldade  
Como por mim se verá.  
Por minha coroa juro  
De cumprir e de mandar  
Tudo que digo e procuro.  
Ao marquez podeis dizer  
Que elle póde vir seguro,  
E todos quantos tiver,  
Venham de guerra ou de paz,  
Assim como elle quizer.  
E pois que justiça quer,  
Com ella muito me praz.

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

—Bem sei que com gran' paixão  
Está vossa majestade  
Pela falsa informação  
Que de mim, contra razão,  
Deram com gran' falsidade.  
Porque um filho de tal home  
E tão grande geração  
Não deve sujar seu nome  
Em caso tal de traição.

Por vida de minha madre,  
Que se tam gran' deshonor  
Não castigar com rigor,  
Que me será cruel padre,  
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

— Não vos queirais desculpar  
Pois que tendes tanta culpa,  
Que se o mundo vos desculpa,  
Não vos heide eu desculpar.  
E portanto mando logo  
Que estejais posto a recado  
Até ser determinado,  
Por conselho do meu povo,  
Se sois livre ou condemnado.  
Mando que sejais levado  
À minha gran' fortaleza,  
E que lá sejais guardado  
De cem homens do estado,  
Até saber a certeza.

FALLA DOM CARLOTO

— E como, senhor, não quer  
Vossa real majestade  
Saber primeiro a verdade,  
Senão mandar me prender  
Por tam grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

— Não vos quero mais ouvir,  
Levem-no logo á prisão



Onde eu o mando ir ;  
Porque tam grande traição  
Não é para consentir.  
Vós outros podeis tornar,  
E contar lhe o que é passado  
A quem vos cá quiz mandar ;  
Que o seguro que lhe hei dado,  
Eu o torno a afirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

— Eu muito me maravilho  
De vossa grande bondade :  
Que sem razão nem verdade  
Trattais assim vosso filho  
Com tam grande crueldade.  
Olhe vossa majestade  
Que é herdeiro principal,  
E que toda a christandade  
Lh'o hade ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

— A mim, senhora, convem  
Ser contra toda a traição :  
E se vosso filho a tem  
Castiga-lo-hei muito bem :  
E essa é minha tenção.  
E mais eu vos certifico  
Que com direito e rigor  
Heide castigar o iniquo,

Ora seja pobre ou ricco,  
Ou servo ou gran' senhor.

## FALLA A IMPERATRIZ

— Como quer vossa grandeza  
Infamar o nosso estado  
Sem causa, com tal crueza ?

## DIZ O IMPERADOR

— Quem me cá mandou recado  
Não foi senão com certeza.

## DIZ A IMPERATRIZ

— Por tal recado, senhor,  
Quereis tratar de tal sorte  
Vosso filho e successor,  
Que depois de vossa morte  
Hade ser imperador ?

## FALLA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender  
Não cuideis que o maltratto.  
Mas se elle o merecer,  
Eu espero de fazer  
A justiça do Troquato ;  
Porque pae tam poderoso,  
Sendo de tantos caudilho,  
Senão for tam rigoroso,  
Ne n elle será bom filho,

Nem será rei justo  
Que agora, mal peccado !  
Nenhum rei nem julgador  
Faz justiça do maior ;  
Mas antes é desprezado  
O pequeno com rigor.  
Todo o mundo é affeição ;  
Julgam com rara remissa  
O nobre que, sem razão  
Alguma, tem opinião  
Ihe tocar a justiça . . .  
Que conta posso eu dar  
Ao Senhor dos altos ceos,  
Se a meu filho não julgar  
Como outro qualquer dos meus ?  
Assim que escusado é  
Buscar este intercessor ;  
Porque Deos de Nazaré  
Não me fez tam gran' senhor  
Para minha alma perder.

## DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada !  
Para que quero viver,  
Poisque sempre heide ser  
Do meu filho tam penada  
Como uma triste mulher ?  
Pois tão triste heide ser  
Por meu filho muito amado,

Nunca tomarei prazer,  
Senão tristeza e cuidado.

## DIZ O IMPERADOR

— Não façais tantos extremos,  
Pois dizeis que tem desculpa,  
Que antes que sentença dêmos.  
Primeiro todos veremos  
Se tem culpa ou não tem culpa.  
Mostrae maior soffrimento,  
Que o caso é desestrado;  
E i-vos a vosso aposento,  
Que elle não será culpado.

Aqui se vai a imperatriz; e vem a mãe e esposa de Valdevino,

## DIZ A MÃE

— Oh coração lastimado,  
Mais triste que a noite escura!  
Oh dolorosa tristura,  
Cuidado desesperado  
E fortunosa ventura!  
Oh vida da minha vida,  
Alma d'este corpo meu!  
• Oh desditosa perdida,  
Oh sem ventura nascida,  
A mais que nunca nasceu!  
Oh filho meu muito amado,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,

Minha triteza icuddo, ase  
Minha sab'rosa lembrança,  
Que serei eu sem vos ver ?  
Filho da minha alegria,  
Oh meu descanço e prazer,  
Porque me deixais viver  
Vida com tanta agonia ?  
Adonde vos acharei.  
Consôlo de meu pezar ?  
Onde vos irei buscar,  
Poisque perdido vos hei  
Para jamais vos cobrar ?  
Filho d'esta alma mesquinha,  
Dos meus olhos claridade,  
Onde estais, minha mezinha.  
Filho de minha saudade,  
Meu prazer e vida minha ?

DIZ A ESPOSA POR NOME SYBILLA

—Que é de vós, meu coração,  
Que é da minha liberdade,  
Espelho da christandade,  
Quem vos mattou sem razão  
Com tão grande crueldade ?  
Quem vos apartou de mim,  
Meu querido e meu espôso ?  
Oh meu prazer saudoso.  
Porque me deixais assim  
Com cuidado mui penoso ?

Oh minha triste saudade,  
Oh meu espôso e senhor,  
Minha alegria e vontade,  
Escudo da christandade,  
Das tristes consolador !  
Que farei pobre coitada,  
Mais que nenhuma nascida ?  
Miseravel, angustiada,  
Para quero ter vida,  
Pois minha alma é apartada ?  
Oh fortuna variavel,  
Triste, cruel, mattadora,  
De prazeres roubadora,  
Inimiga perduravel,  
Matta-me se que's agora.

DIZ HERMELINDA AO IMPERADOR

— Se vossa gran' majestade  
Não der castigo direito  
A quem tanto mal ha feito,  
Nem sustentar a verdade,  
Não será juiz perfeito.  
Não olhe vossa grandeza  
Sua madre dolorosa,  
Nem sua tanta tristeza ;  
Mas olhe tam gran' princeza  
Com ésta sua espôsa.

FALLA O IMPERADOR

—Faz-me tanto intristecer  
Este tam gran' vituperio,

Que mais quizera perder  
Junctamente meu imperio,  
Que tal meu filho fazer.  
Mas se a verdade assim é,  
Como ja sou informado,  
Que tal castigo lhe dê  
Que seja bem castigado.

DIZ SYBILA

—Seja justiça guardada  
A ésta orphã sem marido.  
Viuva desamparada,  
Tam triste e desconsolada  
Mais que quantas têm nascido.  
Olhae, senhor, tam gran' mal  
Como vosso filho ha feito,  
E não queirais ter respeito  
Ao amor paternal,  
Poisque não é por direito.

FALLA O IMPERADOR

—Senhora, não duvideis,  
Que eu farei o que hei jurado,  
Se é verdade o que dizeis,  
Porque cumpre a meu estado  
De fazer o que quereis:  
Que mais quero ter commigo  
Fama de regoridade,  
Que deixar de ter castigo,  
Quem commetteu tal maldade.

Para que é ser caudilho  
De tanto povo e tam grado,  
E imperador chamado,  
Se não julgasse meu filho  
Como qualquer estragado ?  
Não cuidem duques nem reis  
Que, por meu herdeiro ser,  
Que por isso hade viver:  
Que aquelle que faz as leis  
É obrigado a as manter.  
Assim que, por bem querer,  
Amizade nem respeito,  
Como agora sohem fazer,  
Não heide negar direito  
A quem direito tiver.  
E bem vos podeis tornar,  
Fazei certo o que dissestes  
E não tomeis tal pezar,  
Porque o bem que ja perdestes  
Não o cobrais com chorar.

DIZ HERMELINDA

— Senhor, nós outras nos pomos  
Em mãos de vossa grandeza:  
Olhae bem, senhor, quem somos,  
E de que linhagem fomos,  
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SYBILA

— Olhae os serviços dinos  
Que tanto tempo vos fez



Meu espôso Valdevinos,  
Tambem seu tio marquez,  
E como foram continos.

Aqui se vai Hermelinda e Sybila; e virá Reinaldos com uma  
carta que tomaram a um pageia de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

—O summo rei dos senhores,  
Que morreu crucificado  
Em podêr dos pharizeos,  
Accrescente vosso estado  
E vos livre de traidores.

FALLA O IMPERADOR

—Mui valente e esforçado  
Reinaldos de Montalvão,  
Vós sejais tam bem chegado  
Como a sombra no verão.  
Muito estou maravilhado,  
Invencivel e mui forte,  
De ver-vos assim armado,  
Sabendo que em minha côrte  
Nunca fostes maltratado.

FALLA REINALDOS

--Senhor, não seja espantado  
De ver-me assim d'esta sorte,  
Porque com todo o cuidado  
Ganalão, vosso cunhado,

Sempre me procura a morte.  
Bem sabeis que sem razão,  
Com vontade mui maligna  
Fez mattar com gran' traição  
A Tiranes e Erocina,  
E ao feito Salião,  
E a mim ja quiz mattar  
Muitas vezes com maldade;  
E para mais me danar,  
Fez á sua majestade  
Mil vezes me desterrar.  
O grande mal que me quer  
De todo o mundo é sabido,  
E por isso quiz trazer  
Armas para offender,  
Antes que ser offendido.  
Mas deixando isto assim  
Guardado p'ra seu logar,  
Onde se hade vingar,  
Vos quero, senhor, contar.  
Notorio a todo o christão  
É o pezar lastimoso  
Do marquez Danes Ogeiro,  
Qué tem, com justa razão,  
Pela morte do herdeiro.  
N'esta nobre côrte estão  
Muitos mui nobres senhores  
Que sabem que Dom Beltrão  
E o nobre duque Amão

Foram seus ambaixadores:  
Tambem este é sabedor  
Das respostas que lhe destes,  
E mais de como prendestes  
Vosso filho successor.  
Do qual está mui contente  
De te-lo pôsto em prizão;  
E tem mui grande razão,  
Porque na carta presente,  
A qual fez de sua mão,  
Confessa toda a traição.  
E um pagem a levava  
Para o conde Dom Roldão,  
Que na cidade de Boava  
Faz a sua habitação.  
E como não ha falsia  
Que se possa esconder,  
Tinha o marquez espia,  
Porque queria saber  
O que Dom Roldão faria.  
Esse pagem imbuçado,  
Sem suspeita e sem revez,  
Ia mui determinado:  
Onde logo foi tomado  
E levado ao marquez.  
Lendo a carta Dom Guarinos,  
N'ella contava a tenção  
Porque o mattára á traição.  
Isto é, senhor, a verdade,

E o que vos manda dizer:  
Se o que digo é falsidade,  
(Que por isso a quiz trazer)  
A lettra é bom conhecer,  
Que é este o seu signal.  
Pois, quem fez tam grande mal  
Bem merece padecer  
Morte justa corporal.

## DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,  
Não se ha mister mais provar,  
Nem mais certeza fazer,  
Senão logo executar  
A pena que merecer.  
E portanto, sem deter,  
Lea-se publicamente  
Ante esta nobre gente;  
Porque todos possam ver  
Vossa verdade evidente.

## CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

Cuidilho de gran' podêr,  
Capitão da christandade,  
Ésta vos quiz escrever,  
Para vos fazer saber  
Minha gran necessidade.  
Porque o verdadeiro amigo  
Hade ser no coração,

Assim como fiel irmão,  
E não hade temer p' rigo  
Por salvar quem tem razão.  
Porque sabereis, senhor,  
Que me sinto mui culpado,  
Como quem foi mattador;  
E temo ser condemnado  
De meu padre imperador.  
Eu confesso que pequei,  
Pois com vontade damnosa  
A Valdevinos mattei.  
Amor me fez com que errei,  
E o primor de sua esposa.  
O imperador, meu padre,  
Me mandou prêso guardar,  
E nunca quiz attentar,  
Os rogos de minha madre.  
A ninguem quer escutar,  
E o marquez tem jurado  
De não vestir nem calçar,  
Nem entrar em povoado,  
Até me ver justiça.  
Tenho por accusadores,  
Reinaldos de Montalvão,  
E seu padre o duque Amão  
E muitos grandes senhores;  
O gran' duque de Milão  
Com o forte Montesinos,  
Que é primo de Valdevinos.

Assim que todos me são  
 Accusadores continuos.  
 Pois tantos contra mim são,  
 Eu vos rogo, como amigo,  
 Que vós queirais ser commigo;  
 Porque, tendo Dom Roldão,  
 Não temo nenhum perigo.

## DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,  
 Façamos o que devemos.  
 Pois o signal conhecemos,  
 E pois vemos que confessa,  
 De mais próva não curemos,  
 Nem vós façais mais detença.  
 E, pois ja tendes licença,  
 Podeis dizer ao Marquez  
 Que venha ouvir a sentença.

*Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a impera'riz vestida de dó,*

## DIZ O IMPERADOR

Senhora, ja não dirão  
 Que fui eu mal informado,  
 Nem que o prendo sem razão,  
 Pois por sua confissão  
 Vosso filho é condemnado.  
 Vêdes a carta presente,  
 Que foi feita da sua mão  
 Para o conde Dom Roldão:

A qual muito largamente  
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho  
Do que, senhor, me ha contado;  
Mas, pois elle ha confessado,  
Melhor é morrer o filho  
Que deshonnar o estado.  
Mas a dor do coração  
Sempre me hade ficar...  
Peço-lhe com affeição  
Que lhe busque salvação  
E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o successor  
Padeça morte sentida,  
Que ficar o pae traidor:  
Que será trocar honor,  
Pela deshonna nascida.  
Tambem eu padeço dor,  
Tambem eu sinto paixão,  
Tambem eu lhe tenho amor...  
Mas antes quero razão,  
Que amizade sem favor.

DIZ A IMPERATRIZ

Poisque não póde escapar,  
Eu não consinto nem quero

Que vós o hajais de julgar,  
 Porque vos podem chamar  
 Muito mais peior que Nero.

## DIZ O IMPERADOR

Não vivais em tal ingano,  
 Que também foram caudilhos  
 O gran' Trocato, o Trajano;  
 E quizeram, com gran' damno,  
 Ambos justiça seus filhos.  
 Pois que menos farei eu,  
 Tendo tam grande estado?  
 Quem é com razão culpado  
 Em maior caso que o seu?  
 E portanto eu vos rogo  
 Que não tomeis tal pezar,  
 Porque com vos enojar  
 Dá-se gran' tristeza ao povo.

## DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,  
 Porque vejo que é razão;  
 Mas sempre meu coração  
 Terá tristeza e cuidado  
 E grande tribulação.

Aqui se vai a imperatriz: e vem o marquez de Mantua  
 vestido de dó, e

## DIZ O MARQUEZ

Bem parece, alto senhor,  
 Que vos fez Deus sem segundo,



E de todos superior,  
Dos maiores o melhor,  
Rei e monarcha do mundo.  
Porque vós, senhor, sois tal,  
Que com razão e verdade  
Sustentais a christandade  
Em justiça universal.  
A qual para salvação  
Vos é muito necessaria,  
Porque convem ao christão  
Que use mais de razão  
Que de affeição voluntaria:  
Como faz vossa grandeza  
Com seu filho successor.  
Assim que, digo, senhor,  
Que estima mais a nobreza  
Que amizade nem favor.

## FALLA O IMPERADOR

Não curemos de fallar  
Em coisa tão conhecida;  
Porque n'esta breve vida  
Havemos de procurar  
Pela eterna e comprida.  
Para sentir gran' pezar  
Vós tendes razão infinda,  
E tambem de vos vingar,  
Pois foi justa vossa vinda.  
Bem vimos vossa embaixada,

E a causa d'ella proposta  
 Foi de nós mui bem olhada,  
 E não menos foi mandada  
 Mui convencivel resposta.  
 E vimos vossa tenção,  
 E soubemos vosso voto,  
 E vemos tendes razão  
 Pela grande informação  
 Do principe Dom Carloto.  
 E vimos a confissão  
 De Dom Carloto tambem,  
 E soubemos a traição,  
 Como na carta contêm,  
 Que mandava a Dom Roldão.  
 De tudo certificado,  
 Eu condemno a Dom Carloto  
 Em tudo o que hei mandado.

VEM UM PAGEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,  
 Está tam amortecida  
 De grande paixão e dor  
 Que não tem pulso nem cor,  
 Nem nenhum signal de vida.  
 Nenhum remedio lhe vem;  
 Está n'esse padecer  
 Sem lhe podêrmos valer:  
 E, segundo d'ella cremos,  
 Mui pouco hade viver.

## DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho  
De sua gran' discrição;  
Mais sinto sua paixão,  
Que a morte de meu filho . . .  
Não te quero mais dizer,  
Quero-a ir consolar.  
Pois tanto lhe faz mister.  
Não sei porque é enojar  
Por se justiça fazer !

Aqui se vai o imperador; e virá Reinaldos com o algoz  
o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e

## DIZ REINALDOS

Jagora, senhor marquez,  
Vos podeis chamar vingado,  
Porque assás é castigado  
O que tanto mal vos fez,  
Poisque morreu degollado.  
Fazei por vos alegrar,  
Dae graças ao Redemptor,  
Pois assim vos quiz vingar,  
Sem nenhum de nós p'rigar  
E com mais vosso valor.



## **APPENDICE**



Como natural appendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua LUSITANIA ILLUSTRATA <sup>1</sup>.

E aproveito ésta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

<sup>1</sup> *Lusitania illustrata*, Part the second. Newcastle-upon-Tyne, 1846.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.



## THE NIGHT OF ST. JOHN

'Night reigns o'er Earth and Air—  
O St. John, my St. John,  
Ere fated hour speed on,  
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!  
Christian Saint, hear my prayer,  
Tho' my faith Moslem were,  
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,  
Alkoran nought to me,  
I bow my heart to thee,  
Saint of Dom John!

As I consume this plant  
In the fire made to thee,  
Love glows anew in me—  
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor  
In the fire lit for thee,  
So let the black beard be  
Of threatening Moor!

As burns the kindling light  
This thy devoted flow'r,  
So may Love's genial pow'r  
Kindle my knight!

From height of heav'n amain  
Scatter the garlands gay  
That in this Love spell may  
Spring forth again—

Marvellous falling dews  
That cure Love's burning grief,  
My Saint! their cool relief  
Do not refuse!

Saint! whom soft pitie's move,  
O St. John, my St. John,  
'Ere glide this blest night on  
Bring me my love!

No more the fire you see—  
Hush'd is the gushing pray'r  
Yet still the maiden there  
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye  
While throbs the glowing breast  
Where Faith and Meekness rest  
With Purity.

Kindly the Saint look'd on,  
And by his fav'ring aid  
Bloms now that happy maid  
Bride of Dom John!



## ROSALINDA

It was the early morn of May Day,  
When the song birds wake the grove,  
And teeming trees and opening flowers,  
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day  
On the fresh bank of the wave  
Sat the Infanta Rosalinda  
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,  
Flowers they bring her virgin white—  
But on a blossom soft as she is  
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda  
Than the rose that decks the thorn—  
Purer than the purest lily  
That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her  
In his galley of the sea—  
On each side so many rowers  
Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—  
All from Afric's bosom torn—  
Some were proud and mighty nobles  
Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar  
If one Moor in safety be,  
Ill at ease the Lord Count saileth  
In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley  
Answering well the guiding oar—  
More gentle still he who commands it,  
Skill'd to leave or gain the shore.

—'Count Lord Admiral tell me truly  
From your galley of the sea,  
If the captives that you conquer  
All to row compelled be?

—'Fair Infanta! tell me truly  
Without equal, Rose so fair!  
The many slaves that gladly tend thee  
Tire they all thy flowing hair?'

—'Art thou courteous, Count! so lordly  
Asking thus—not answering me?'

—'Anserw thou, and I will answer,  
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,  
Each the allotted task doth know;  
Some aloft the sails to manage,  
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle  
Twine on deck the mazy dance--  
Deftly wearing flowery carpets,  
Couch for Lord in dremmy trance.'

—'Thou'st answer'd, and I answer thee—  
For good the law that bids re-pay.  
I have slaves for every purpose—  
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments  
Some to tire my flowing hair—  
For one I keep another office,  
But him my toils must yet ensnare!'

—‘He’s ta’en-be’s thine! So fully captur’d  
That ne’er would he be ransom’d more!  
Pull to the land—the land, ye vassals,  
And drive the galley high ashore!’

Then sweet with fairest Rosalinda  
And noble Count the moments sped—  
While orange groves her form o’ershadow’d  
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer  
Any good without allay,  
Led the steps of the king’s huntsman,  
As he roam’d to walk that way.

—‘What thine eyes have seen, O huntsman!  
Huntsman! prithee do not tell.  
Purses fill’d with gold I give thee,  
As much as thou can carry well.’

All the royal huntsman witness’d  
Did he to the King make known,  
On study bent in private closet  
Thoughtful sitting and alone.

--Whisper low the news you bring me,  
And we give thee guerdon rare;  
Raise on high thy voice to sound it,  
And we hang thee high in air



To arms—to arms, my faithful Archers,  
Without the rousing war-pipes sound,  
My Cavaliers, and trusty foot-men,  
Haste the grove to circle round!

It is not yet the glow of mid-day,  
Loud and long the bell doth boom!  
It is not yet the gloom of midnight,  
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,  
Both are tomb'd in solemn state;  
She before the altar holy,  
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda,  
Did a Royal tree disclose,  
Soon the grave of Count so noble  
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels.  
Quick he bade them both destroy,  
Giving to the ruthless flame each  
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,  
Still the emblems thrive again;  
E'en as the air which them embracing  
Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story  
Ceased he to speak for aye,  
And when the Queen the wonder heard  
Moan'd she thus her dying lay:

—'Call me not Queen!--a Queen no longer,  
She who such dread deed hath done!  
Two spotless souls I've rent asunder,  
Whom heav'n would fain have joined in one!'

**GREEN VINE LEAVES: OR.  
THE KING'S SLIPPER**

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
There found I grapes both fine and sweet;  
So ripe are they—so highly colour'd—  
They are saying 'come and eat.'

—'I wish to know who 'tis that guards them:  
Hast, Mordomo! hast and know'  
Says the King to his Mordomo,  
But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,  
How saw he her I do not know—  
That incomparable Dona...  
My reading does not tell me how.

Who to her sorrow is a Countess,  
Countess she of Valderrey:

Rather would she, by my halidom,  
 Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 Grapes which the king will go to greet:  
 So ripe are they, so highly colour'd,  
 They are saying 'come and eat.'

Comes the Mordomo from the mountain:  
 —'Best of news to you I bring;  
 Though the vineyard is well guarded,  
 Yet have I enter'd, Senhor King!

'The owner is in other countries,  
 When come he back, I cannot say;  
 The gate is old—the yielding portress  
 To key of gold gave ready way:

'Fo a wonder that key serv'd me;  
 All was soon adjusted so,  
 That this eve at hour of midnight,  
 With you I'll to the vintage go.'

--'Your'e worth a kingdom'—my Mordomo!  
 Grand reward I'll make to thee.  
 This eve then, at the hour of midnight  
 Rich grapes shall be eat by me.'

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
 More grapes than I before did meet:

So beautiful and so ripe are they,  
They are saying 'come and eat.'

---

In the dead of the midnight hour  
Went the Mordomo—went the king—  
Of doblas to the portress giv'n,  
Tis not for me the account to sing.

—'Mordomo! stay you at the portal,  
The portal where I enter in,  
Let not guard—dogs with me grapple,  
Whil'st the grapes I'm gathering.'

The portress now to meet his wish,  
Exchange for what he gave doth bring:  
At the chamber of the Countess  
Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,  
It was of silver, I could see.  
Nought but of silver or of gold  
Is in the house of Valderey.

The fresh green leaves are in the vineyard,  
The grapes in it are ripa and sweet:  
So beautiful—so warmly colour'd—  
Ah me, of them when shal I eat?

---

All in the chamber of the Countess  
Gold was with silver suited well,

It was the Heav'n of that Angel,  
No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,  
The towels were of Courtenay;  
The King he trembled—if from terror  
Or from good faith, I cannot say.

Green silk curtains hung before him,  
Still he ne'er essay'd to raise;  
The vision brighth I may not sing,  
That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely . . .  
What more to say I do not ween.  
Dainties other such as this,  
You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,  
Saw I there grapes ripe and sweet:  
So beautiful and so ripe are they—  
They are saying 'come and eat.'

Slept she there so undisturb'd  
As I in heav'n above shall sleep—  
Jesus! when I find thee there,  
If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night  
Good did the King ill thought withstand;

Gazing, wond'ring thus to see her,  
Without moving foot or hand.

And thus he said—'Oh God, my sire!  
Pardon what I ask'd before:  
This angel here so pure and bright  
It is not I will injure her.'

The vineyard hath fresh green leaves in it,  
Grapes found I in it ripe and sweet;  
But I fear to tamper whit them...  
Ah! of them I will not eat.

---

Now came on the shining morrow,  
Then it was, as goes the tale,  
The Mordomo a whistle heard:  
—'Jesus Lord, now me avail!'

This was the appointed signal  
The mode the Count was us'd to take—  
The king did not the curtains draw  
Saying: 'I will not vintage make.'

Beautiful green leaves hath the vineyard,  
In it I found grapes lovely sweet;  
But my conscience inward grieves me,  
Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour  
In order that the king may flee.

—'Alas a slipper I have lost.'

—'Take one of mine I give to thee.'

They fled, but in another instant  
Since the whistle they did hear,  
Descends the Count from off the mountain.  
—'If he shall catch us, woe and fear!'

One fear barass'd the Mordomo,  
Other fear assail'd the King:  
Which of them had reason greater,  
Soon unto you will I sing.

Green leaves saw in the vineyard,  
Grapes quite ripe and richly sweet;  
But, by his tender conscience guarded,  
Quoth the King:—'I will not eat'

Seeketh now the Count his tower,  
The valiant Count of Valderey;  
He lit upon the broider'd slipper...  
How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess  
Goes he... Will he strike the blow?  
Serenely sleeping doth he see her:  
—'Jesus! I know not what to do.'

In disorder is the household...  
—'God have me in his holy keep!'



Either witch must be this woman,  
Or this same slipper mock'd my sleep.'

'The slipper which I have before me,  
The slipper it bespeaks no good :  
Who could think that she could slumber  
in so pure and gentle mood.'

Wild the doubts that rise within him :  
—'Help me Heaven! with guiding light,  
Baffling madness louring round  
Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!  
The precious grapes which there I left...  
Where is the fruit on which I counted?  
Tell me of which I am bereft?'

Straight the Count himself imprison'd  
In highest tower of Valderey :  
—'Ne'er shall bread assuage my hunger,  
Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,  
Care from me shall ne'er receive ;  
'Till the truth be plain before me,  
Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard  
Grapes that I no more may taste !

Quickly may ye pine and wither,  
 Quickly pine like me and waste.'

---

Thrice the sun hath sunk and ris'n,  
 Still groaning thus he lonely sate,  
 While faithful Countess grieving utter'd :  
 'How shall I soothe his mournful state?'

Whither may she flee for succour ?  
 Who shall aid and solace bring ?  
 Innocence may challenge pity. . .  
 Where shall she went ? Unto the King !

—'That I some remedy may find thee,  
 Faithful Countess, quickly go :  
 The secret of his sad affliction  
 Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavalleiro  
 Troth and faith I plight to thee,  
 Pure you shall be found and spotless,  
 Or I myself shall recreant be.'

Oh ! the green leaves of the Vine tree !  
 Grapes I sought with eager haste !  
 To the soul their beauty touch' me,  
 Bloom so pure I dar'd not taste.

---

Quickly thence the Countess hurried :  
 The king, he did not tarry more.

What they say I wish to hear,  
So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness  
Steals upon his ravished ears —  
While this sad plaint the mourner sang  
Mocking music of the spheres

—‘Once I was a Vine well guarded,  
Taught by tending Love to grow:  
Now I lack that fost’ring nurture...  
Why — I scarce dare ask to know.’

Then shone out the Royal goodness. . .  
Tears of pity dimm’d his eye:  
—‘Quick of the other side inform me,  
That the truth I may descry.’

—‘My fresh vineyard so well guarded,  
When I enter’d it again,  
Trace of plundering thief I noted. . .  
What he stole I ask in vain’

Ceased the Count o’erwhelm’d with sorrow,  
But then laughing said the King:  
(Whether at self or at the mourner  
Aim’d that laugh, I cannot sing.)

—‘Twas I who did the vineyard enter,  
Of plundering thief I left the trace:

Grapes I saw — but Heav'n so save me --  
Not a grape did I displace.'

---

A fracture was there in the portal  
The slipper from his foot he tore:  
—'Need'st thou proof? behold it here.'  
Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after  
Little need I more impart,  
Glad the Count the truth admitted,  
And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyard,  
Richest grapes were those I saw:  
It was fear that kept them safely,  
Fear of God and of his law.

Em continuação do appendice, aqui juncto egualmente, para illustração do romance IX d'este livro que leva por titulo REGINALDO<sup>1</sup> as duas licções castelhanas que d'elle apparecem agora na última recente edição do ROMANCEIRO de Duran.

Na introducção áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a ésta de 1849-51 o tinha podido encontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente<sup>2</sup> precisam pois d'esta correcção.

1 Livro II, parte I, romance IX, tom. II, pag. 161

2 Nota G, pag. 312 do tom. II.



## GERINELDO

### I

Levantóse Gerineldo  
Que al rey dejara dormido:  
Fuese para la infanta  
Donde estaba en el castillo.  
—Abráisme, digo, señora,  
Abráisme, cuerpo garrido.  
—¿Quién sois vos, el caballero,  
Que llamais á mi postigo?  
—Gerineldo soy, señora,  
Vuestro tan querido amigo.—  
Tomárala por la mano  
En un lecho la ha mettido,  
Y besando y abrazando  
Gerineldo se ha dormido.  
Recordado habia el rey

De um sueño despavorido ;  
Tres veces lo habia llamado,  
Ninguna le ha respondido.  
—Gerineldo, Gerineldo,  
Mi camarero polido,  
Si mi andar en traicion,  
Trátasme como á enemigo.  
O dormias con la infanta,  
O me has vendido el castillo.—  
Tomó la espada en la mano  
En gran saña va encendido:  
Fuérase para la cama  
Donde á Gerineldo vido.  
El quisieralo matar ;  
Mas crióle de chiquito.  
Sacara luego la espada,  
Entre entrambos la ha metido,  
Porque desde recordase  
Viese cómo era sentido.  
Recordado habia la infanta,  
Y la espada ha conocido.  
—Recordados, Gerineldo,  
Que ya érades sentido,  
Que la espada de mi padre  
Yo me la he bien conocido <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Romancero general*, 1849-51, tomo 1, pag. 175. Ésta è a lição mais antiga, foi achada em um *pliego suelto*, folha volante impresso.



## GERINELDO

## II

—Gerineldo, Gerineldo,  
El mi page mas querido,  
Quisiera hablarte esta noche  
En este jardim sombrío.

—Como soy vuestro criado,  
Señora, os burlais conmigo.

--No me burlo, Gerineldo,  
Que de verdad te lo digo.

--¿A que hora, mi señora,  
Comprir heis lo prometido?

--Entre las doce y la una,  
Que el rey estará dormido.--

Tres vueltas da á su palacio  
Y otras tantas al castillo;

El calzado se quitó

Y del buen rey no es sentido:

Y viendo que todos duermen

Do posa la infanta ha ido.

La infanta que oyera pasos

Desta manera le dijo:

--¿Quién a mi estancia se atreve?

Quién á tanto se ha atrevido?

—No vos turbeis, mi señora,

Yo soy vuestro dulce amigo,

Que acudo a vuestro mandado

Humilde y favorecido—

Enilda le ase la mano  
Sin mas celar su cariño;  
Cuidando que era su esposo  
En el lecho se han metido,  
Y se hacen dulces halagos  
Como mujer y marido.  
Tantas caricias se hacen,  
Y con tanto fuego vivo,  
Que al cansacio se rindieron  
Y al fin quedaron dormidos.  
El alba salia apénas  
A dar luz al campo amigo,  
Quando el rey quiere vestirse,  
Mas no encuentra sus vestidos :  
— Que llamen á Gerineldo  
El mi buen page querido.—  
Unos dicen:—No está en casa.—  
Otros dicen:—No lo he visto.—  
Salta el buen rey de su lecho  
Y vistióse de proviso,  
Receloso de algun mal  
Que puede haberle venido,  
Al cuarto de Enilda entrara,  
Y en su lecho halla dormidos  
Á su hija y á su paje  
En estrecho abrazo unidos.  
Pasmado quedó y parado  
El buen rey muy pensativo:  
¡ ensándo-se qué hará

Contra los dos atrevidos.  
--¿Mataré yo a Gerineldo,  
Al que cual hijo he querido?  
¡Si yo mataré la infanta  
Mi reino tengo perdido!—  
En tal estrecho el buen rey,  
Para que fuese testigo,  
Puso la espada por medio  
Entre los dos atrevidos.  
Hecho esto, se retira  
Del jardín á un bosquecillo.  
Enilda al despertar-se,  
Notando que estaba el filo  
De la espada entre los dos,  
Dijo asustada a su amigo:  
--Levántate, Gerineldo,  
Levántate, dueño mio,  
Que del rey la fiera espada  
Entre los dos ha dormido.—  
—¿Adónde iré, mi senora?  
¿Adónde me iré, Dios mio?  
¿Quién me libraré de muerte,  
De muerte que he merecido?  
No te asustes, Gerineldo,  
Que siempre estaré contigo:  
Márchate por los jardines  
Que luego al punto te sigo.—  
Luego obedece á la infanta,  
Haciendo cuanto le ha dicho:

Pero el rey, que está en acecho,  
Se la hace encontradizo :

--¿Dónde vas, buen Gerineldo ?

¿Como estás tan sin sentido ?

--Paseaba estos jardines

Para ver se han florecido,

Y vi que una fresca rosa

El calor ha deslucido —

—Miéntes, miéntes, Gerineldo,

Que con Enilda has dormido.--

Estando en esto el Sultan,

Un gran pliego ha recibido:

Abrelo luego, y al punto

Todo el color ha perdido.

--Que prendan á Gerineldo:

Que no salga del castillo.--

En esto la hermosa Enilda

Cuidosa llega á aquel sitio.

De lo que pasa informada,

Y conociendo el peligro,

Sin esperar á que torne

El buen rey enfurecido,

Salta las tapias lijera

En pos de su amor querido.

Huyendo se va á artaria

Con su amante y fiel amigo,

Que en un brioso caballo

La atendia en el egido

Alli, ántes de casarse,

Recibe Enilda el bautismo.  
Y las joyas que lleva  
En dos cajas de oro fino  
Una vida regalada  
A su amante ha prometido <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Romancero general*, 1819-51, tom. 1, pag. 176.



NOTES





## NOTAS

---

### NOTA A

E minha mãe sem chegar..... Pag. 53

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com *e* no fim, como pronuncia o povo de Lisboa e n'outras partes da Extremadura. Os antigos castelhanos tambem assim regularizavam os seus toantes.

E não va tampouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser affectação de latinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe em vez de mãe. Aquella é a verdadeira e popular orthographia d'estas palavras.

### NOTA B

Na caça andava perdido ..... pag. 217

O principio ou introducção d'este romance é conforme a collecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa elle logo com toda a fôrma scenica; e todavia differe bem pouco. Aqui se transcreve.

## DIZ O MARQUEZ

Fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caça é ésta  
que a fortuna me ha mostrado,  
poisque, por ser manifesta  
minha pena e gran' cuidado,  
me mostrou ésta floresta.

Nunca vi tam forte brenha,  
desque me accórdo de mi;  
eu creio que Margasi  
fez esta serra d'Ardenha,  
estes campos de Methli.

Quero tocar a bosina  
por ver se algum me ouvirá;  
mas cuido, que não será,  
porque minha gran' mofina  
commigo começou ja.

!odavia quero ver,  
se mora alguém n'esta serra,  
que me diga d'esta terra  
cuja é, para saber;  
que quem pergunta não erta.

Por demais é o tanger  
em logar deshabitado,  
onde não ha povoado,  
nem quem possa responde:  
ao que lhe for perguntado.

Gran' mal é o caminhar  
por tam fragosa montanha,

cançado assim sem companhia,  
nem tendo onde repousar,  
n'esta terra tam estranha.

Vejo o matto tão cerrado,  
que fiz bem de me apear,  
e meu cavallo deixar,  
porque está tam cançado  
que ja não podia andar.

Agora vejo-me aqui  
n'esta tam grande espessura,  
que nem eu me vejo a mi,  
nem sei de minha ventura;  
nem menos será cordura,  
repousar n'este logar,  
nem sei onde possa achar  
descanço á minha tristura <sup>1</sup>.

FIM DO VOLUME TERCEIRO

1 *Marquez de Mantua*, folheto de cegos, Lisboa, 1789.



## INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO . . . . .	v
ROMANCEIRO, LIVRO II, PARTE II.....	7
XVII    A Romeira.....	7
XVIII   Conde Nillo.....	15
XIX    Albaninha.....	23
XX    A Peregrina.....	31
XXI    Dom João.....	39
XXII   Helena.....	49
XXIII  A Morena.....	59
XXIV  Donzella que vai á guerra	69
XXV    O Capivo.....	83
XXVI   A Nau Cathrineta.....	95
XXVII  O Cegador.....	107
XXVIII A Noiva arraiana.....	117
XXIX   Guimar.....	125
XXX    Dom Duardos.....	135
XXXI   A Ama.....	153
XXXII  Avalor.....	163
XXXIII Cuidado e Desejo.....	171
XXXIV  O Cordão de oiro.....	183
XXXV   O Cego.....	191
XXXVI  Linda-a-Pastora.....	199
XXXVII O Marquez de Mantua....	211
APPENDICE.....	271
NOTAS.....	305





OBRAS COMPLETAS  
DO  
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT  
PROPRIEDADE DA  
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

---

- |      |   |
|------|---|
| Tomo | I — Camões.   |
| »    | II — Catão.   |
| »    | III — Merope — Gil Vicente.   |
| »    | IV — Romanceiro — 1. <sup>o</sup> volume.   |
| »    | V — Frei Luiz de Souza.   |
| »    | VI — Flores sem fructo.   |
| »    | VII — D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio —<br>Fallar verdade a mentir.                                 |
| »    | VIII — Viagens na minha terra — 1. <sup>o</sup> volume.   |
| »    | IX — " " " — 2. <sup>o</sup> " "  |
| »    | X — A Sobrinha do Marquez — As prophcias<br>do Bandarra. — Um noivado no Da-<br>fundo.                    |
| »    | XI — Arco de Sanct'Anna — 1. <sup>o</sup> volume.   |
| »    | XII — " " " — 2. <sup>o</sup> " "   |
| »    | XIII — D. Branca.   |
| »    | XIV — Romanceiro — 2. <sup>o</sup> volume.  |
| »    | XV — " " — 3. <sup>o</sup> " "  |
| .    | XVI — Lyrica.   |
| »    | XVII — Fabulas — Folhas cahidas.  |
| »    | XVIII — O Alfageme de Santarem.   |
| »    | XIX — Portugal na balança da Europa.  |
| »    | XX — Da Educação.   |
| »    | XXI — O Retrato de Venus, precedido de um<br>Ensaio sobre a historia da lingua e<br>da poesia portugueza. |
| »    | XXII — Helena.  |
| »    | XXIII — Discursos parlamentares — Memorias<br>biographicas.   |
| »    | XXIV — Escriptos diversos.  |









